

APRESENTAÇÃO

Em 1997, o jornalista e escritor francês Gilles Lapouge passou 30 dias na Amazônia com a missão de conhecer um pouco da vida e da paisagem do lugar. Pousou seu olhar estrangeiro - embora bastante familiarizado com o Brasil, já que Lapouge é correspondente do jornal O Estado de S. Paulo desde 1951, apresentado pelo historiador Fernand Braudel - sobre as terras da floresta, sobre a destruição causada pelo homem e sobre as incongruências cotidianas de uma região repleta de idiossincrasias, como um trem que liga nada a lugar algum, uma colônia de japoneses que se tornou próspera por obra do acaso, uma insignificante cobrinha que se arrasta num solo seco, arenoso, contrastando terrivelmente com imagem que todos temos da gigantesca, úmida, fértil e quente Amazônia.

O objetivo da viagem de Lapouge era fazer uma série de doze reportagens sobre o lugar, mas a publicação dos textos no jornal acabou não se concretizando. Os textos foram engavetados, depois de uma primorosa tradução do francês feita por Lauro Machado Coelho. Agora, as reportagens poéticas são recuperadas pela **Agência Estado** para a publicação do primeiro e-book de Lapouge, *L'Amazonie*. Lapouge, que já escreveu quase uma dezena de livros sobre os mais variados temas - todos publicados na França, como *Le Bruit de la Nieve*, *L'Incendie de Copenhague*, *La Bataille de Wagram*, *Les Pirates* e o recentemente lançado *Besoin de Mirages* - tem em seu

currículo três prêmios literários franceses: o da Société des Gens de Lettres de France, o Astrolabe-Etonnants Voyageurs e o Roger Caillois, um dos mais prestigiosos do país.

Apesar de, como ele mesmo diz, ser menos conhecido na França do que no Brasil, Lapouge é considerado por seus pares franceses um peregrino incansável que, em 77 anos de vida, colecionou inúmeras histórias e aventuras para contar. Muitas delas, aliás, passadas no Brasil que, além de ser objeto do *L'Amazonie* figura ainda em um dos trechos de *Besoin de Mirages* e é o cenário central de *Equinoxiales*.

Dono de um estilo narrativo envolvente que reúne em doses exatas a prosa poética, o espírito jornalístico e uma doce e saudável ironia, Lapouge faz em *L'Amazonie* uma incursão apaixonada pelas coisas simples e escondidas da região brasileira. Sem deixar de lado o idealismo e o romantismo, faz um relato fiel da comunhão do homem com a natureza, sem tentar camuflar o lado menos belo desse relacionamento, como a destruição das matas e o incômodo conflito da civilização com a vida selvagem. Dessa forma, ele nos convida também a pousar nosso olhar - tão estrangeiro quanto o dele - sobre a região, e a descobrir alguns de seus inumeráveis segredos.

Não todos, é verdade, porque como fica claro no texto melancólico e, ao mesmo tempo, otimista de *L'Amazonie*, não se pode compreender totalmente esse universo complexo e ambíguo, a menos que se esteja incrustado em seu solo e em seu contexto, como os admiráveis colonos das cidadezinhas de Rondônia e Mato Grosso que Lapouge visitou.

Heci Regina Candiani

Índice:

- Capítulo 01 ▶
- Capítulo 02 ▶
- Capítulo 03 ▶
- Capítulo 04 ▶
- Capítulo 05 ▶
- Capítulo 06 ▶
- Capítulo 07 ▶
- Capítulo 08 ▶
- Capítulo 09 ▶
- Capítulo 10 ▶
- Capítulo 11 ▶
- Capítulo final ▶



Capítulo

01

É belo e terrível o sol da Amazônia. Não é um sol, na verdade: é um enorme buraco vermelho, um buraco sangrento. Ou um corte redondo no céu para que possamos ver, do outro lado, brasas e chamas. Na terra, arrastam-se névoas e brumas. A paisagem estremece. Tem a cor das velhas fotografias e as manhãs parecem crepúsculos.

Esse sol doente repete o que nos dizem os satélites: a Amazônia está pegando fogo. Todo ano, na estação da seca - julho, agosto -, a floresta, com suas angélicas e castanheiras, com suas coberturas vegetais, seus bichos, seu húmus, seus segredos, a floresta inteira vira brasa. E quando o fogo se apaga, o que ficam são lugares massacrados, juncados de troncos carbonizados que erguem os braços para o céu, como num quadro de Salvador Dalí. A guerra do fogo passou por ali. Trinta anos depois de Armstrong ter desembarcado na Lua, é a Lua que desembarca na Amazônia.

Do Pará a Rondônia, do Amazonas ao Acre, durante a estação seca, os incêndios se espalham e batem o recorde do ano anterior (por causa do Plano Real, dizem, que empurra para mais longe a fronteira agrícola). Aeroportos têm de ser fechados por causa das queimadas. O avião que deveria me levar de Machadinho do Oeste, em Rondônia, a Juruena, no norte do Mato Grosso, esteve pertinho de ficar no chão. Uma chuva providencial veio lavar o céu, dando-nos o direito de decolar.

Esses sóis de brasa brilham de uma ponta à outra da Amazônia. Eu os vi no Pará, em Rondônia e no Mato Grosso, e sei que brilham sobre todos os outros Estados. É o único "denominador comum" em todas as regiões desse imenso cadinho.

Durante muito tempo, acreditou-se que a Amazônia era uma formação idêntica, regular e uniforme, da fronteira da



A estação seca na Amazônia, marcada pela poeira amarelada que levanta do solo e por um calor intenso.

Venezuela até o Mato Grosso, e de Belém a Rio Branco. Hoje, sabe-se que não há só uma ou duas Amazônias, mas dezenas, centenas de Amazônias.

A monotonia amazônica é um engano: essa imensidão abriga a maior biodiversidade do planeta, bilhões de seres vivos, ecossistemas paradoxais, 215 tipos de solos, pobres mas variados, terra roxa, marrom, amarela, estranhos regimes climáticos ou fluviais, 2.500 tipos diferentes de árvores.

Ocupando 4% da superfície terrestre, a Amazônia abriga 20% de todas as espécies vivas da Terra. Conta com 20 mil vegetais superiores. Já se calculou que existem nela 10 mil plantas susceptíveis de serem utilizadas pelo homem, e apenas algumas delas já foram estudadas. Há 1.400 espécies de peixes (10% de todos os peixes existentes no mundo) e 1.300 espécies de pássaros (20% do total do planeta). Acrescente-se a essa imensidão tudo o que a floresta esconde de vida "clandestina" - o que os homens não conseguem ver. Um ecologista alemão calcula que, a cada passo que damos, esmagamos 1.600 seres microscópicos.

E, o que é mais fascinante: só conhecemos 50% das espécies vivas da Amazônia. É como se houvesse duas Amazônias: uma visível, monumental, inumerável. A outra, igualmente vasta, mas sutil, invisível, escapando, desde o começo dos tempos, à curiosidade dos homens, da mesma forma que uma criança brincando de esconde-esconde e que ninguém consegue achar. Parece que a maior parte dessas espécies misteriosas é endêmica. Contam com um número muito reduzido de indivíduos e vivem em fragmentos muito estreitos da floresta. O que significa que esse mastodonte florestal exige estratégias adaptadas a cada zona, feitas sob medida para cada uma delas.

Infelizmente, o fogo ignora essas

Infelizmente, o fogo ignora essas nuances: ao lugar do mundo onde reina a maior diversidade, as chamas trazem um elemento unificador, a morte. É por isso que a multiplicação dos incêndios alertou, desde a década de 70, os meios de comunicação do mundo inteiro. Ecologistas, economistas, políticos de Londres a Sydney, de Los Angeles a Bergen, todos puseram a boca no mundo. Uma cacofonia.

O que João anunciara, outrora, em Patmos, tinha começado na Amazônia: "E o primeiro anjo tocou a trombeta... Granizo e fogo, misturados a sangue, foram então atirados sobre a Terra. E um terço da Terra foi consumido, e um terço das árvores foi consumido e toda a relva verde foi consumida..." (Apocalipse 8,7)



Diversidade: o solo seco contrasta com as árvores ainda exuberantes.

Os ecologistas acusaram o Brasil de estar destruindo o pulmão do planeta. Se a grande floresta fosse reduzida a cinzas, diziam eles, o mundo perderia o fôlego e começaria a agonizar. Houve quem aproveitasse para pedir que a comunidade internacional assumisse o controle da Amazônia, caída, por inadvertência, no patrimônio do Brasil! Outros pensavam em fazer da Amazônia uma imensa zona protegida, em colocá-la sob uma campânula, uma bolha de vidro invisível, em fazer dela um museu onde fosse preservada a natureza original!

Em poucos anos, todas as imprecações mergulharam no ridículo. Os cientistas chegaram à conclusão de que essa história de "pulmão do mundo" é uma bobagem. Em compensação, é verdade que essa floresta é um tesouro e não se deve saqueá-lo. Mas pode-se gastar um tesouro sem, com isso, esbanjá-lo. A floresta primitiva, como todas as outras coisas (os mamutes, os gatos, os vulcões, os oceanos, até mesmo o cosmos) é o lugar de uma história que a modifica, empobrecendo-a ou enriquecendo-a, metamorfoseando-a ao fim dos milênios, dos séculos, até mesmo dos anos. E tentar bloquear essa história seria cometer um crime contra a vida. O que aconteceu com as outras florestas o atesta.

A Europa primitiva era uma imensa floresta. Segundo Júlio César, os legionários romanos, que não eram soldados de mentirinha, tremiam nas bases quando tinham de se

embrenhar pela "Gália cabeluda", nas florestas cerradas da Bélgica. Veio, em seguida, a Idade Média, a era dos monges desflorestadores que abriram clareiras, plantaram campos de centeio e lúpulo, criaram pomares, fizeram da Europa um parque no qual, ao longo dos séculos, desabrochou uma elevada civilização.

Em nosso século já não existe mais, na Europa, a não ser em alguns longínquos países do Leste, a mais pequena floresta primitiva. A floresta européia é uma criação humana" durante 2.000 anos, "jardineiros" cuidaram das árvores, trataram os carvalhos, os freixos e os olmos da mesma forma que se planta repolhos ou nabos. Selecionaram e aperfeiçoaram as essências, multiplicaram as variedades. Pintaram a paisagem, retificaram os vales, redesenharam as colinas: transformaram em obra-prima o esboço que os deuses tinham traçado de qualquer jeito.

Monges, engenheiros, soldados e servos da Idade Média empenharam-se em aperfeiçoar a imagem do mundo. À selvageria das florestas primitivas, acrescentaram a civilização do trigo, do pão, dos frutos, dos rebanhos, animaram os sombrios espaços da Gália com fazendas, castelos, aldeias e igrejas romanas.

Temos, portanto, de aceitar a idéia que o fogo - dos monges desflorestadores ou dos carvoeiros germânicos (como o neolítico, das eras primitivas) - foi instrumento da vida, e não da morte. E que o fogo é mau não por essência, mas por causa do uso que se faz dele. O fogo pode ser maléfico ou benfazejo, depende muito. Depende da maneira como os homens o administram, com paciência e delicadeza, ou de forma instantânea e brutal: a dimensão do tempo é fundamental.

Deve-se prestar atenção ao exemplo da floresta européia: a domesticação da paisagem na França, na Inglaterra, na Alemanha exigiu séculos: cerca de 1.200 a 1.500 anos para o trabalho grosso (e esse trabalho nunca termina pois, em 1998, ainda continuava a ser feito). A destruição da floresta primitiva respeitou o tempo: andou com o mesmo passo da invenção de uma outra floresta, esta, sim, civilizada, com o mesmo passo da plantação dos cereais.

Um único movimento unia o desflorestamento e a criação da agricultura. Todo esse trabalho foi sendo feito lentamente, de forma quase delicada, com métodos rudimentares - de acordo com o ciclo das estações - e que não infligiam feridas demasiado purulentas à cobertura floral. A erradicação dos bosques obedecia aos ritmos preguiçosos, arrastados, caprichosos da própria vida.

Mas não foi isso o que aconteceu na Amazônia: bastou um apito das autoridades para que esses desertos adormecidos fossem atacados com violência inaudita e a ajuda de técnicas maciças e assassinas. Os monges medievais faziam uma guerra pré-histórica contra a floresta, uma guerra prudente, desajeitada e incerta, com suas enxadas, machados e picaretas, com seus asnos. Na Amazônia, o combate à floresta foi comandado por um general à frente de carros blindados, fazendo a guerra-relâmpago, a guerra total.

As imagens de satélite são eloqüentes: durante milênios, homens habitaram na bacia do grande rio. Desde o período neolítico, derrubavam árvores e queimavam-nas para garantir sua subsistência. Apesar disso, os satélites não conseguiam perceber os rastros desses incêndios.

Depois de 1970, tudo mudou: a "blitzkrieg" demoliu a natureza. Os satélites nos dão notícias da batalha. Mostram como os desertos estão progredindo. Vemos estenderem-se estradas, que parecem sabres cortando ao meio a suave paisagem original. Depois, vemos proliferar, de cada lado dessas estradas, as picadas que os lenhadores, os camponeses, depois de terem calcinado seus domínios primitivos, vão abrindo para ir à procura de outras madeiras preciosas ou de outros terrenos a cultivar. E a morte avança.



Vista da Amazônia fotografada por satélite mostra com nitidez a área de queimada e os lotes dos projetos de colonização.

Crédito: Inpe.

As zonas degradadas estão aumentando. São tão repugnantes quanto uma mancha de pelada no dorso de um animal. A Rondônia que, na década de 70, teve 35% de seu território desflorestado, já foi comparada a um tapete devorado pelas traças. E todo ano, na estação seca, quando o fogo se reacende, os satélites voltam a mostrar a sarabanda das chamas.

Se colocamos, umas diante das outras, as fotos das décadas de 70, 80 e 90, assistimos - como se a imagem estivesse em ritmo acelerado -, à derrota da natureza. Em 1973, as fotos de satélite mostram o traçado da BR-364, que une pequenas cidades, Ji-Paraná ou Ariquenes, a Porto Velho. A mesma zona foi fotografada 14 anos depois, em 1987: a floresta tinha sido devorada por um polvo infernal (cidades novas, estradas traçadas às pressas que sufocam as áreas onde a capa florestal ainda subsiste).

Nessas mesmas fotos, observamos uma evolução ainda mais triste: a mudança da cor do belo Rio Madeira, cujas águas límpidas são hoje terrosas e saturadas de sedimentos arrastados pela erosão ígnea (a essa lama, além disso, vieram juntar-se, na década de 80, os resíduos de mercúrio dos garimpos que, em 1988, atingiram o total de oito toneladas; garimpos esses que, de lá para cá, abandonaram o Madeira para ir jogar seu mercúrio em outros rios).

Curiosamente, hoje em dia, fala-se menos dos incêndios do que em outros tempos. Ou porque as pessoas se habituaram a eles e até mesmo os ecologistas acabaram se cansando. Ou então porque outros lugares do planeta são candidatos ainda mais fortes do que o Brasil para receber esse primeiro prêmio da morte.

Por seis meses, só se falou da fumaça que sufocava o Sudeste da Ásia, a Indonésia, a Malásia, as Filipinas... Ora, os incêndios da Amazônia são tão aterrorizantes quanto os da Ásia. A Amazônia, pelo menos, está muitos passos à frente. As últimas estatísticas da Organização de Alimentação e Agricultura (FAO) não deixam margem de dúvida: entre 1990 e 1995, o Brasil foi o campeão absoluto: queimou 127,7 mil quilômetros quadrados de madeira, contra "apenas" 54 mil da Indonésia. O Zaire está num modesto terceiro lugar, com 37 mil quilômetros quadrados.

Comentário do jornal alemão "Frankfurter Rundschau": "A cada minuto, 29 hectares de floresta desaparecem da face da Terra. Dentro de 30 anos, a floresta original terá desaparecido, à exceção de uma ou outra ilhota de vegetação, que será visitada como se fosse um museu."

Por que terei eu querido abrir esta série de artigos sobre a Amazônia falando dos incêndios, entrando nesta imensa região pelo portal das chamas? Porque, de uma ponta à outra dessa viagem, encontrei a mesma fuligem, o mesmo céu de desastre, as mesmas paisagens bombardeadas, as mesmas abomináveis lembranças de florestas que já não existem mais, troncos de árvores cujos galhos desfolhados e enegrecidos erguem-se em homenagem ao deus do Nada. A chama é o único elemento comum às diversas regiões que atravessei no Pará, em Rondônia ou no Mato Grosso.

Passei quatro semanas entre Belém e Porto Velho. É um tempo um tanto curto. Teria sido melhor dispor de quatro meses, de quatro anos - e, ainda assim, teria sido rápido

demais. Teria sido mais razoável percorrer a grande floresta em quatro séculos mas, para isso, me desculpem, eu não teria tido tempo. Foi por isso que, na imensidão, tive de escolher apenas alguns nichos.

Estava cheio de curiosidade de ir até a frente pioneira, até aqueles "fins de pista" que marcam os últimos avanços da civilização. O que será que estava acontecendo naqueles limiares, 20 anos depois que a implantação - ao longo da Transamazônica -, das agrovilas planejadas por militares utópicos e engenheiros limitados, resultou em fracassos, esperanças traídas e destinos estragados? Eu não tinha vontade de estabelecer, uma vez mais, a lista desses fracassos. Foi por isso que preferi rumar para áreas de colonização menos arrogantes, líricas e ruidosas do que essas agrovilas da década de 70.

No Pará, Bragantina fornecia um modelo de colonização - e de desflorestamento parcial - relativamente lento (portanto, salubre), já antigo (cem anos, 80 anos, 30 anos) com fracassos e vitórias, com as adaptações que foram necessárias à medida que o mercado ou a tecnologia evoluíam.

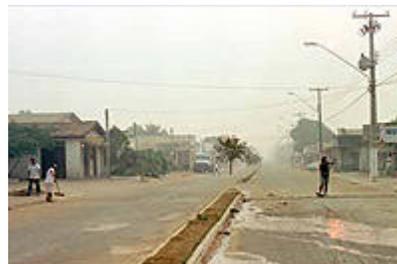
Mais a oeste, em Rondônia e no Mato Grosso, comparei dois modelos de colonização recente, entre dez e quinze anos. O primeiro modelo é o de Machadinho do Oeste, que valorizou a região de Rondônia graças à distribuição de terras a famílias de migrantes, feita pelos poderes públicos. E, a 500 quilômetros dali, no Mato Grosso, a cidade nova de Juruana, com sua irmã gêmea, Cotriguaçu, ambas oferecendo uma fórmula diferente, inteiramente concebida pela iniciativa privada.

Eis o que vi e o que tentarei lhes contar. E, ao lado disso, as borboletas, a beleza das castanheiras e dos pés de mogno, a fuga de animais invisíveis para dentro do mato, a sedosa bruma que recobre os rios, o silêncio...



Chegando a Machadinho do Oeste, eu estava esperando pelo pior. Já tinha sido advertido pelos jornais e revistas.

Philip Fearside, do Instituto Nacional de Pesquisas sobre a Amazônia: "Rondônia é o exemplo acabado de como não se deve colonizar uma região."



A cidade de Machadinho do Oeste, exemplo de como não se deve colonizar uma região.

A revista "Autrement", que dedica um número especial à "Amazônia, feira livre": "O saque dos recursos naturais e as agressões de todos os tipos fizeram de Rondônia a vitrine monstruosa da colonização selvagem da Amazônia brasileira."

E Jean-Jacques Sévilla tinha anunciado as cores de Machadinho, e essas cores eram sombrias: "Esse projeto fornece um exemplo edificante de catástrofe ecológica induzida pela exploração de terrenos impróprios para a agricultura."

Outros estudos deploravam que os migrantes de Rondônia só conhecessem um sistema de produção, o "slash and burn" (corta e queima). Não me desencorajei. Fui de armas e bagagens para dentro da catástrofe ecológica. Visitei lotes oferecidos a migrantes vindos do sul. Familiarizei-me com essa cidade que, 15 anos antes, não passava de um vazio. Vi homens e mulheres ora felizes e ardentes, ora derrotados, resignados ou céticos.

Admirei propriedades bem mantidas, bonitinhas, talvez até felizes; vi outras que faziam pensar no dia seguinte ao de uma guerra. Andei a pé por ruínas empoeiradas. Passei por meninas que tinham a expressão de estar morrendo de tédio. Na sombra misteriosa da noite, sentado diante de uma cerveja no único botequim da cidade, esperei pela lenta passagem do tempo, o melancólico tempo amazônico.

Às vezes, rendia-me ao desânimo, sim. Mas nessas horas, para reencontrar uma pitadinha de entusiasmo, pensava: "Aqui, 20 anos atrás, não havia nada. Havia só uma floresta indevassável. Tudo isso que eu estou vendo aqui

não passava de um 'nada'. E, com esse nada, eles fizeram uma cidade. Cidade frágil e um tanto opaca, é verdade. Mas uma cidade, afinal de contas!"

Aliás, fabricar cidades é uma especialidade brasileira. Se você vai passear no deserto e se distrai um pouquinho, quando olha, pronto: lá está uma cidade nova onde antes só havia areia, pedregulho, árvores. Nos outros países, são necessários séculos para que uma cidade saia do chão - e, nos melhores casos, no Egito, na Suméria, na Grécia ou em Roma, foram necessários três milênios. "Três milênios para fazer Babilônia ou Ur?", dizem os brasileiros, rindo. "Vejam só! Pois a gente, aqui, faz uma cidade num abrir e fechar de olhos. Machadinho, por exemplo, 15 anos no máximo!"

Quinze anos! Enquanto o Diabo esfrega um olho, eles constroem uma cidade completa, com tudo a que ela tem direito: agricultores, farmacêuticos, seitas evangélicas, a igreja, o supermercado, gente boa, gente ruim, ruas empoeiradas, açougues, um correio novinho em folha, cachorros, mendigos, namorados, casamentos, bebês, bonitões e adúlteras, uma memória inteira... Pode ser que, nessas ruelas de cor cinza, a gente não ache graça na vida todos os dias. Mas essa cidade existe, lá longe, no "Finis Terrae", como diziam os romanos. E isso é uma proeza!

Machadinho do Oeste nasceu da vontade do poder público, por iniciativa do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). A idéia era implantar uma pequena cultura familiar no meio de florestas cujo solo era muito pobre (todos os solos da Amazônia são ruins: 48% deles foram considerados impróprios para qualquer tipo de cultura, 37% são de baixa fertilidade e só 6,4% são cultiváveis sem restrições).

A cidade, com os lotes que a cercam, estende-se ao longo do Rio Machadinho. Está a sudeste de Porto Velho, a capital de Rondônia, ao norte de Jaru e Ariquenes. Mais para o norte, o Rio Machadinho se joga no Machadão que, por sua vez, engrossa o poderoso Madeira, belo rio outrora transparente, hoje opaco, que vem descendo da Bolívia, atravessa Porto Velho e vai desembocar no Amazonas, mil quilômetros adiante, perto de Manaus.

Machadinho não tem boas estradas, as poucas que existem estão em péssimas condições. Nos rios, as pontes de madeira resistem mal ao tráfego pesado e às chuvas demoradas. Duas estradas ligam Machadinho à BR-364, uma

por Ariquenes, outra por Jarú, e o estado de ambas é de dar dó. O que explica a dificuldade para escoamento dos produtos. E a solidão que, nesses confins, dá um aperto na garganta.

Por mais estranho que pareça, os confusos sentimentos que eu estava experimentando eram o que chamaria de "complexo da ilha": trancado nesse fim de mundo, no coração da floresta monstruosa, longe de qualquer outra cidade humana, eu ocupava a mesma posição do náufrago perdido na ilha deserta, na imensidão do oceano. Só que, aqui, o oceano era essa floresta ilimitada que nos cercava.

Além disso, os caminhos do mar são inumeráveis e conduzem-nos a todos os pontos da Rosa dos Ventos, a todas as costas, enquanto aqui o único jeito de ter contato com outros seres humanos é se arriscando por essas estradinhas e trilhas esburacadas (há um modesto aeroporto, sim, mas as linhas não são regulares e os colonos não têm dinheiro para tomá-los). Com isso, chega-se à total estranheza de, no coração do mais vasto país do mundo, sentir-se trancafiado.

E se a gente sai de Machadinho para ir visitar uma das propriedades que a cercam, essa sensação só faz aumentar. Dá para acreditar? Para mim, os migrantes de Machadinho pareciam um bando de Robinsons Crusoe, jogados pela tempestade sobre um recife nu. Um belo dia, os acasos ou os revezes da vida tinham jogado esses colonos, vindos do sul, num lugar solitário, numa floresta pré-histórica, num espaço que a civilização, se tocou, foi bem de leve, só para chamá-lo de "Inferno Verde".



A margem quase nua do Rio Machado.

Robinson contava com algumas ferramentas e sementes que encontrara no porão do navio naufragado. Os colonos de Machadinho também dispunham de ferramentas rudimentares, um pouquinho de assistência técnica e um monte de coragem. Robinson não tinha bancos; os colonos de Machadinho quase não têm. Robinson tinha conseguido, rapidamente, construir uma cabana para ele e sua cabrita. Os migrantes de Machadinho, depois de terem dormido algumas semanas em plena floresta, rasgaram uma clareira, levantaram um barracão de tábuas, puseram-se a revolver a terra com suas enxadinhas e a semear. Como fizera Robinson em Juan Fernández, sua ilha ao largo do Chile, reinventaram, a partir de nada, ou de quase nada, a

civilização humana.

Tentei imaginar as decepções ou os triunfos desses Robinsons amazônicos. Para eles, no início, Machadinho foi um sonho: pobres assalariados gaúchos, mineiros, baianos, eles iam poder, finalmente, tornar-se proprietários. Seriam livres. Teriam uma terra só deles. Nos dias que precederam suas partidas, devem ter repetido baixinho estas palavras reluzentes: "Liberdade! Propriedade! Igualdade!"

Sabiam que não seria um piquenique. Precisariam trabalhar como condenados. Mas trabalhariam para si mesmos, para suas famílias, para inventar suas vidas e sua herança futura. Era um milagre. Amontoavam-se num caminhão velho e desconjuntado e rumavam para o norte, como tinham feito, no passado, os camponeses das "Vinhas da Ira", de John Steinbeck, que seguiam para a Califórnia. Iam em busca da Terra Prometida, onde a fatalidade a que se resignavam seria substituída por um destino de verdade.



Família que se instalou em Machadinho do Oeste em busca de condições melhores de vida e propriedade: a terra prometida em Rondônia.

Quinze anos mais tarde, em que pé está o milagre e que cara tem o sonho? Vocês sabem como são os sonhos! No princípio, tudo são flores, a gente fica encantado com tudo. Mas, à medida que o tempo vai passando, as coisas não vão ficando melhores. Basta ver a Bíblia, o Gênesis: quando os sete dias da Criação terminam, Deus contempla o que fez e fica orgulhoso de si mesmo. Fica encantado. Fez do jeitinho que queria: pradarias e pomares verdejantes, uma linda mulher nua muito boazinha, um carinha muito simpático, animais dóceis, rios, flores... Que mundo mais legal! Bonito como um desenho animado; bonito como um quadro! Só que depois...



José Edisto Gonçalves Ribeiro tem 42 anos, é alto e entusiasmado, tem um belo rosto, ora duro ora afável. Não consegue ficar parado. Levou-nos para visitar sua casa e dar uma volta pela sua propriedade como um castelão que nos fizesse admirar seus domínios e seus móveis de época, os retratos de seus ancestrais e sua árvore genealógica no salão principal de seu castelo. É que José Edisto gosta de tudo que tem: a casinha de madeira, o galinheiro, as vacas, as castanheiras escondidas em sua reserva florestal, até mesmo as pegadas demonstrando que, na noite passada, um tamanduá passou por ali.

Tenho uma certa dificuldade em acompanhá-lo quando ele sai pulando, com aquelas pernas compridas, por cima dos troncos espalhados pelas suas terras, troncos tão grossos que a gente fica imaginando que os gigantes de Gulliver andaram fazendo uma farra por aqui.

Descemos uma trilha até um riozinho escondido debaixo das árvores. Como estou ofegando e fico com vertigem ao passar pelos troncos que atravessam a correnteza, José me espera amavelmente, me encoraja, me faz perder o medo. Quando José Edisto era adolescente, lá no seu vilarejo do sul da Bahia, o apelido dele era "seu Bola", por causa da velocidade com que corria. Diziam que era mais rápido do que uma bala de fuzil. Que, de bicicleta, passava na frente do ônibus. "Bola é tão rápido que, antes de pensar em ir a um lugar, já foi e já voltou", diziam seus amigos.

Foi assim que ele chegou a Machadinho do Oeste, há mais de 14 anos, antes de completar 30. Aqui, seu Bola sentiu-se feliz como um rei. "Eu era filho de agricultor e o meu ideal era a agricultura. Quando subi para cá e recebi este terreno, cem hectares de floresta, achei que era um sonho. É sim, durante quatro meses vivi um sonho, foram quatro meses de emoção..."

"Designaram o nosso lote. Não tínhamos escolha. Era este e pronto. Mas os lotes são todos mais ou menos iguais. O solo não é bom, como o senhor está vendo, principalmente aquela terra amarela ali. Não tem nada a ver com a terra roxa do Paraná. Mas a gente foi lá, colonizou, abriu uma picada, construiu um barracão, não aquela casa grande

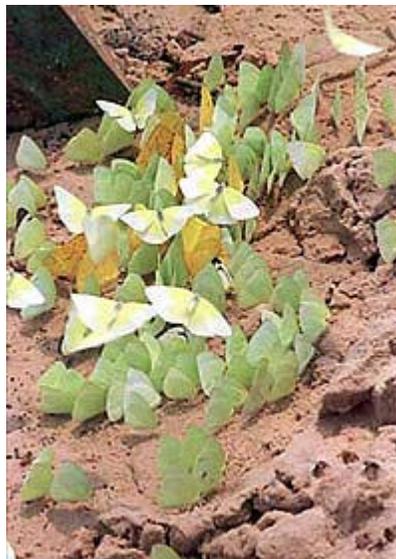
onde o senhor esteve, não, uma outra, ali, descendo o barranco. A grande a gente só construiu mais tarde. Plantamos um pouquinho de tudo pra gente comer, legumes, arroz, depois um pouco de café e, aí, começamos com a criação..."

Bola me espera. Fala alto, explica como era essa pradaria quando chegou, e os dias, os meses que passou limpando tudo isso aqui. Esgueiramo-nos entre as árvores e os cipós até um laguinho de água muito clara, que a luz do sol, filtrando-se entre as árvores, faz cintilar. Bola quer me mostrar umas borboletas e eu lhe digo: "Não são só borboletas, seu Bola... são 'as suas' borboletas."

O Bola ri, porque tem orgulho de ser um homem livre, de ser um proprietário! Dono de tantas coisas: eu seria capaz de jurar que o céu e as nuvens, o grito dos macacos e as pulgas que infestam seus pêlos, as abelhas e os mosquitos, o excremento dos mosquitos, o sol, o grito das araras, as tempestades, sim, até elas, eu seria capaz de jurar que tudo isso pertence ao Bola, tudo isso fazia parte do lote de floresta original que, 14 anos antes, ele recebeu e civilizou.

Ele civilizou essa floresta, sim. Com a ajuda da família, é claro. Não teria esse ímpeto, essa força toda, se a mulher, doce e sólida, não cuidasse da casa, se não houvesse seus quatro filhos, dois casais, que vão à escola, sim, mas só até o fim do primário porque, depois... "Sabe como é, a escola é longe, eles têm de andar quilômetros a pé, depois esperar o ônibus um tempão... Então, eles vão fazer o primário e, depois, vão trabalhar aqui conosco. E a filha mais velha já vai se casar..."

Pára diante de um pé de copaíba. Dá-lhe um tapa, acaricia-o como a gente faz com o dorso de um cavalo. "Uma copaíba dá de 2 a 15 litros", diz ele, retirando a rolha de madeira com a qual tampou o buraco, no tronco, pelo qual escorre o óleo precioso. Leva-a ao nariz, cheira-a como se fosse o "bouquet" de um vinho de Bordeaux: "Isso lava o corpo da gente, lava a barriga por dentro. Bastam umas gotinhas e esse óleo é tão bom, tão



As borboletas do "seu" Bola.

forte que, no dia seguinte, você ainda está arrotando ele."

É um sonho, sim, mas um sonho que foi preciso conquistar com sofrimento e trabalho. A malária de uma das filhas - não é raro os colonos terem perdido filhos por causa da malária -, ausência de remédios, assistência técnica fraca no início (agora também, aliás). "Tem a assistência do Emater, sim, mas não adianta nada. Fernando Henrique trabalha bem. Mas não é ele, são os outros... Tem de corrigir isso. E os bancos? Ah, se os bancos nos ajudassem, a gente poderia comprar um trator e tudo ia mudar! No fim de três anos, quando eu consegui comprar uma serra elétrica, as coisas mudaram muito por aqui... Se não fosse a burocracia, eu ia fazer voando tudo o que eu quero!"

Eu lhe digo que ele já voou bastante. O que ele tem já é uma bela proeza. "Bom, eu consegui comprar umas cabecinhas de gado", diz ele. "Mas isso não basta. Eu queria umas 500 cabeças. Porque eu estou pensando nos meus filhos, sabe como é?... Não, é verdade, as coisas estão indo bem. Às vezes tenho tanto trabalho que contrato alguém por alguns dias. Antes, era eu o assalariado. Hoje, já estou contratando ajudante."

"Você virou um capitalista!"

"Um grande capitalista, não. Um capitalistazinho minúsculo. Mas se eu for comparar com o que eu era antes, pode até ser..."

Bola dá boas gargalhadas. Volta a falar da serra que conseguiu comprar depois de três anos de trabalhos forçados. "Isso evita ter de usar fogo o tempo todo. Já sofri dois acidentes, olhe aqui, um na cabeça... um tronco caiu, felizmente eu estava de capacete... e um outro no joelho... esse me pegou de jeito!"

Voltamos para a casa, no seu nicho de pradaria, florestas, pastos e, agora, eu a acho muito mais bonita, pois sei que foi construída com uma soma de trabalho, fervor e sofrimento. Estamos no meio das galinhas e porcos, um cachorro pula à nossa volta, Bola pegou a machadinha, ele também pula, espichando o seu corpo comprido, para derrubar os cocos e cortá-los. Nunca bebi tanta água de coco em toda a minha vida. Daí a pouco, tive de tomar também o leite de sua vaquinha.

Quando estávamos indo para o laguinho, atravessamos um

pequeno cafezal, e ele me disse: "Quando os pés de café florescem, é uma beleza! Fica tudo branquinho, parece uma nuvem. E tem um cheiro! Ah, o cheiro das flores de café. E elas ficam parecendo neve. Eu conheci um plantador de café já bem velhinho que estava muito doente. Pois sabe que ele ficou se segurando porque não queria morrer antes da florada dos pés de café? No dia que o cafezal dele ficou todo branquinho, o velho morreu..."

Bola levanta-se às 6 horas, todas as manhãs. Já tem tudo programado na cabeça. Às 7 horas está no batente. Ao meio dia, almoça com a família. Às 19h30 já foi dormir. Quando o tempo está bom, dorme ao ar livre, de frente para a floresta, para o céu.

"Você trabalha todos os dias?"

"No sábado, não, nem no domingo... quer dizer, esses dias assim... o mínimo."

Mas a mulher o interrompe: "Nos dias em que esse aí não trabalha, o senhor sabe o que é que ele faz? Vai pra floresta, em vez de ficar descansando."

Bola ri. É verdade, ele vai passear na floresta, sim, fica olhando, sonhando de olhos abertos. Escuta os pássaros, as cotias correndo, os tamanduás, que os cachorros querem, o tempo todo, atacar. "Mas eu não deixo os cachorros fazerem isso, não", diz Bola, porque ele gosta da floresta, gosta dos bichos e se sente mal quando tem de queimar umas árvores, pois sabe que isso estraga tudo. Às vezes, é obrigado, mas faz o menos possível.

O que Bola ama, na natureza, o que o cativa e enfeitiça, é a abundância, o renascimento, a profusão. É a fertilidade da terra, da terra inesgotável. A fecundidade da terra semelhante a um ventre. Um ventre de mulher.

"O senhor está vendo a copa daquelas árvores, lá em cima? Ela está coalhada de macacos", diz Bola (os galhos estão mesmo cobertos de macacos). "Aqui, de onde estamos, dá para ouvir a gritaria deles", ele continua. "São os barrigudos e estão mesmo enchendo a barriga. Quando vejo os galhos sacudindo, como se estivessem sendo agitados por um furacão, é porque eles estão enchendo a pança com frutas, com todas as delícias da floresta. O que eu mais gosto de ver é como a floresta é boa e generosa. É por isso, por causa dessa vida toda, dessa exuberância, que eu poderia ficar horas escutando e sentindo esse vento que sopra na floresta..."

Capítulo 04 ▶



Eis um outro lote. Uma outra história. Um outro discurso. O chefe da família também se chama José. Sua mulher, Sueli. As filhas chamam-se Raquel, Edinéia, Érica e Vânia; os filhos, Josué e Ozias (não é por acaso que este capítulo começa com o estilo do Gênesis).

A família de José é a imagem da calma, da felicidade e da miséria ao mesmo tempo. Todos eles, meninos e meninas, sorridentes, estão alinhados diante da casa, debaixo do sol. Uma casinha magra, desengonçada, que parece se perguntar o que está fazendo ali, por que cargas d'água foi parar em lugar tão desolado, com aquele seu chão de terra batida, sua fachada de tábuas desbotadas, sua cobertura de telhas de madeira cinzenta e, como único enfeite, uma placa de automóvel - de Itaqui, se bem me lembro - à espera do automóvel em que vão pregá-la.

José é jovem, usa camisa marrom, calça branca e botinas pretas. Sorri sob um bigodinho fino que lhe dá um ar simpático e bonachão, vagamente irônico. Mas José não é irônico. Um pouco brincalhão, talvez. Mas isso não é o mais importante: José é um "justo".

E esse "justo", desde que chegou a Machadinho, anda colecionando infelicidades. No primeiro ano, não houve jeito de plantar, foi preciso derrubar a floresta, e olha que isso não é brincadeira! No segundo ano, uma parte do terreno estava limpa e ele pôde tentar com o café. Mas não funcionou bem. No terceiro ano, ele começou a derrubar as árvores de novo mas, aí, já não tinha mais a serra elétrica, pois a entregara em garantia.

Em garantia? É que, no início, ele teve de se endividar e não conseguiu pagar o empréstimo que fizera. Renovaram o empréstimo, sim, mas contra a entrega de seis sacas de café, que ele forneceu. No ano seguinte, a dívida tinha ficado mais pesada e era preciso dar o dobro do café. Seis sacas ele conseguiu entregar; mas o resto teve de completar entregando a serra elétrica e, agora, só tem os próprios braços para cortar as árvores. O que significa que José está desmontado, desmantelado, demolido, escangalhado.

Nessa história, de 1997, não parece que se está ouvindo

um eco de "A Selva", o terrível romance no qual o português Ferreira de Castro conta o ano que passou como seringueiro, no início do século, no acampamento de Todos os Santos, no território dos índios parintintins, perto do Rio Madeira? Nesse dia, ele fala do asco que sentia ao ver os trabalhadores pobres implacavelmente endividados pela rapacidade das "aviadoras".

Hoje, embora jovem, José já está cansado e doente, a coluna vertebral não está boa, o coração também não, nada vai bem, a terra é pobre e se esgota mais após cada queimada, depois do terceiro ano já não está mais dando coisa alguma... No princípio, ele trabalhava o tempo todo, até mesmo no domingo. Hoje, ele já não tem mais forças. José utiliza uma linguagem elegante e poética para dizer: "Tenho uma dívida-monstro." E, depois de um silêncio: "Preciso matar esse monstro."

"Aqui, as pessoas não ajudam umas às outras", diz ele. "Na escola, os professores estão pouco ligando para os alunos e, se você ficar doente, tem um posto de saúde, sim, mas lá só tem analgésico e, quando há um problema de saúde mais grave, feito a malária que andou dando nas crianças, uns tempos atrás, eu preferi ir para a Bolívia, pois lá eu conheço um médico que é muito bonzinho..."

Quanta má sorte e quanta crueldade por parte dos credores! E por que artes mágicas José e a sua família conseguem conservar toda essa tranquilidade e esse sorriso? É que José tem um aliado poderoso, na falta de assistência técnica: Deus. Durante muito tempo, ele pertenceu à Assembléia de Deus. Mas mudou de igreja: hoje frequenta o Tabernáculo da Fé.

"Por que é que você mudou de igreja?" José, que aprendeu a ler, é inteligente e erudito em Teologia, me explica que o texto da Bíblia é sempre o mesmo mas é preciso tomar muito cuidado: "A palavra falada é a semente original" e, portanto, é preciso levar em conta os frutos, o contexto, a interpretação. E, para a interpretação, não há nada melhor do que o Tabernáculo da Fé.

Esse Tabernáculo da Fé vem dos Estados Unidos onde, 40 anos atrás, um americano chamado Brahm teve um encontro com Deus. E Este lhe lembrou as palavras de Malaquias sobre a vinda de um profeta: "Vou mandar-lhes Elias, o profeta, antes que chegue o dia de Jeová, grande e temível" - passagem que Jesus comentou explicando que Elias, na verdade, tinha vindo na pessoa de João Batista.

Esse americano teve uma visão em dois episódios. Quando tinha 14 anos, viu um Inferno muito parecido com o de Dante Alighieri. Mais tarde, aos 30 anos, estava um dia fazendo compras numa loja quando, de repente, avistou as mesmas personagens de seu primeiro sonho, mas em carne e osso, cercadas de mulheres lascivas - era o Inferno.

Sueli, a mulher de José, concorda placidamente e acena afirmativamente com a cabeça quando ele formula a idéia que tem das mulheres. Para ser mais exato, essa idéia é dos Timóteos e de São Paulo: as mulheres não devem cortar os cabelos pois "a honra do marido são os cabelos de sua mulher". Depois de ter definido bem essa questão dos cabelos femininos, José me explica por que o papel da mulher é essencial: "Cristo é a cabeça do homem, e o homem é a cabeça da mulher."

Fico um pouco espantado, pois conheço algumas feministas que não concordam nem um pouco com ele. Mas José, que é muito paciente e compreensivo comigo, me aconselha a reler a Epístola de São Paulo aos Timóteos: "Que as mulheres tenham uma aparência decente; que seus ornamentos, modestos e sóbrios, não sejam as tranças nos cabelos, o ouro e as pedrarias e, sim, as suas boas obras. Durante a instrução, que a mulher fique em silêncio, submissamente. Não permito que a mulher ensine ou dite a lei ao homem. Que ela guarde o silêncio. Adão foi formado primeiro, e Eva depois. E não foi Adão, e sim Eva, quem se deixou tentar. No entanto, ela se salvará ao se tornar mãe..."

Evito contradizer São Paulo, os Timóteos e José, todos ao mesmo tempo. Ainda mais que essa história acaba bem, pois a mulher, apesar de todas as imundícies que acumula, há de se salvar ao se tornar mãe. Compreendo por que José se desiludiu com a Assembléia de Deus: lá, as mulheres têm o direito de falar.

José nos propõe dar uma volta por suas terras. Vamos lá! De passagem, damos uma paradinha na casa de seu pai, um velho de 70 anos que mora numa cabaninha, a uns 200 metros dali. É tão simpático quanto o filho. Com a sua barba branca e espetada, seus gestos exaltados, lembra um pouco São João Batista, o asceta do deserto, aquele que mergulhava todo mundo, até mesmo Jesus Cristo, nas águas do Rio Jordão. Mas é um João Batista alegre, sociável, ensolarado, muito alegre porque acabou de descobrir o método de tirar óleo de não sei mais que árvore da família do ficus. Ela dá um tipo de fruta-pão que, nos

planos de Deus, não estava prevista para produzir óleo. E, aí, eu entendo que o pai de José esteja contente, pois o que conseguiu não é brincadeira.

Quanto ao terreno de José, ele carrega os estigmas das dificuldades: dívidas, queimadas, doenças, cansaço. No campo, as árvores cortadas caem umas sobre as outras ao acaso, como se tivessem derramado no chão uma caixa de fósforos. Talvez José esteja contando que o tempo dê conta desses troncos grossos, que os decomponha? Quanto é que isso vai levar? Dez, vinte anos? Se bem que o tempo, para José... Mais adiante, as antigas pradarias estão virando capoeira. Para se animar, ele me explica que está "pensando em começar uma plantação de guaraná".

Uma cobra atravessa o caminho. Uma cobrinha pouco maior do que um dedo, pouco feroz, não-venenosa. Cobrinha muito cansada e até mesmo desanimada. É só para não ofendê-la que eu finjo considerar que ela é uma cobra de verdade pois, para mim, ela parece mesmo é uma minhoca um pouquinho maior. Eu, se fosse uma cobra assim, teria vergonha de me mostrar. Mas, enfim, cada um sabe de si. Fico brincando com ela, cutucando sua cabeça com a ponta de uma varinha. José dá um pulo para trás. Não gosta dessa cobrinha.

"Mas não fique preocupado. Ela não é venenosa. Não pica."

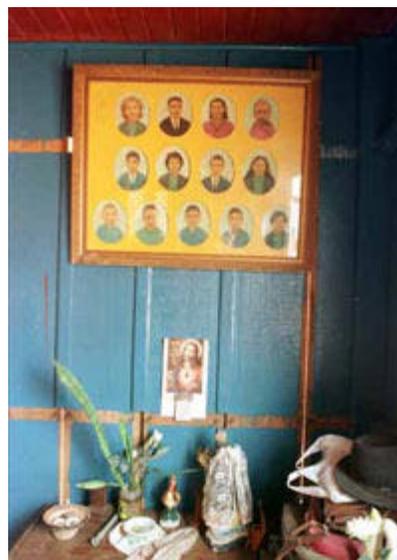
"Eu sei. Ela não pica, não. Mas eu acho que o senhor deve ter lido a Bíblia. Lá diz que a serpente não é amiga de Deus. Em Gênesis 3,14, diz assim: 'E então Jeová disse à serpente: Porque fizeste isso, maldita sejas entre todos os animais. Hás de te arrastar sobre o teu ventre e comerás terra todos os dias de tua vida'."

Não digo mais nada. Como discutir com um homem que sabe a Bíblia inteirinha de cor? No entanto, José não mata as cobras que encontra. Dá-lhes uma chance, porque elas têm um mérito, por pequeno que seja. Quando o demônio quer lançar seus malefícios sobre a Terra, o mal atinge os homens. Mas se há uma cobra rondando ali por perto, é nela que o demônio se enfia e os homens são poupados. A cobra funciona, portanto, como uma espécie de pára-raios.

Não relato essa conversa com José apenas por achá-la pitoresca. Ela dá um testemunho da velocidade com que as seitas colonizam as cidades pioneiras da Amazônia, como do resto do Brasil, aliás. Às vezes, trata-se de uma "moda". Uma noite, perguntei à garçonete do restaurante de Machadinho se ela era religiosa. Ela tinha acabado de

sair da igreja católica e entrara, uns 15 dias antes, para uma seita. Qual delas? "Xi, eu esqueci, que horror! Mas eu tenho um prospecto lá em casa, amanhã eu falo para o senhor..."

José não tem dessas frivolidades: entende de Teologia e História Sagrada e tem um comprometimento grave e trágico com a religião. Talvez não seja por acaso que as seitas mais ascéticas, mais obcecadas com o mistério do mal, como esse Tabernáculo da Fé, estejam progredindo a toda velocidade em meio a essa gente que se viu jogada nessa admirável e assustadora floresta amazônica, essa floresta que parece falar-nos, ao mesmo tempo, do Paraíso e dos Últimos Dias. Não é por acaso que a Amazônia é chamada ora de Éden, ora de Inferno Verde. Afinal, segundo Euclides da Cunha, a Amazônia não é a última página do Gênesis que ficou para ser escrita?



Um pequeno altar doméstico que demonstra a presença constante da religiosidade na vida dos colonos da Amazônia, como José e Sueli.

Essa proximidade do Paraíso, essa vizinhança do Inferno explicam - mais do que qualquer consideração sobre a falta de assistência técnica, a pobreza de fósforo no solo ou a rapacidade dos credores - o desmantelamento em que se encontra o terreno explorado por José. As luzes do Apocalipse o ajudam misteriosamente a aceitar e a tornar relativos os sofrimentos e os fracassos.

José pertence àquela família dos espíritos muito nobres que Friedrich Nietzsche chamava desdenhosamente de "os alucinados deste mundo". É parente daqueles homens da Idade Média que suportavam corajosamente a precariedade de sua situação. Esses homens tinham um pé na terra e outro no absoluto e suas cabeças iam bater no céu. Por mais que isso incomodasse a Nietzsche, não podemos negar que a Idade Média forjou uma das civilizações mais extraordinárias da História. Mas é verdade também que, durante os dez séculos da Idade Média, o progresso técnico não avançou a passos de gigante.



A casa de Omiro Ferreira dos Santos, de 52 anos, destoa das fazendinhas em torno, pois é muito colorida. É coberta de telhas redondas e vermelhas e, na galeria coberta que a cerca, dona Maria Priscilina dos Santos, a mulher dele, e suas três filhas, Josiane, Jucinéia e Janaína, plantaram flores cor de rosa, brancas e vermelhas - "são rosas e paciências" - que dão ao terreno um ar alegre e cheio de vida.

Flores e colorido são uma raridades neste lugar, onde as pessoas se contentam com o amarelo poeirento das cidades, com o azul desmaiado do céu, com o verde monótono da floresta. A flor é a marca misericordiosa do supérfluo, do sucesso, de uma sombra de luxo. Nada mais inútil do que uma flor. E é por isso mesmo que elas são essenciais.

Como as cores são inúteis e essenciais. O Brasil sempre gostou de cores. Todas as festas rutilantes do Renascimento europeu, as dos Borgia em Roma, as de Francisco I em Chambord, as de Henrique VIII em Londres, eram festas brasileiras: os veludos encarnados que recobriam as espáduas leitosas das damas européias, as orgias de escarlata que eram as missas, as consagrações e as cerimônias cortesãs, tudo isso era tingido com o pau-brasil que, muito antes do ouro, do café ou da inencontrável canela de Orellana, foi a verdadeira fortuna do Brasil.

Essa paixão não se extinguiu. Na imensa fazenda Ahité, perto de Castanhal, em Bragantina, vi esse espetáculo soberbo: um milhão de pés de urucum parecendo um milhão de potinhos naturais transbordando de tinta vermelha. E o gerente explica a sorte de sua fazenda: "O Brasil produz 10 mil toneladas de urucum por ano. Mas ele sozinho consome 35%. Por quê? Basta olhar em volta. A gente bota urucum em tudo, no leite, no creme, nos iogurtes, até mesmo na ração das galinhas, para termos frangos bem vermelhinhos. É, sim, no Brasil a gente adora cor."

Rubro Renascimento, essas galinhas pintadas com urucum? Talvez. Mas isso vem de muito mais longe, pois a planta é de origem pré-colombiana e os índios sempre a usaram para fazer pintura corporal. Por razões culturais, talvez sagradas. Mas também, com o interminável verde da flora,

essa infinidade de verdes em torno deles, é compreensível que os índios se besuntem com urucum, da mesma forma que se enfeitam com esplêndidos negrumes fuliginosos, ou com a tabatinga, essa argila que produz reluzentes brancuras. Vaidades de indígena.

Os mais vaidosos são os opaiokes. Eles chegam a alimentar seus papagaios com ervas secretas, que modificam o colorido de suas penas. Gesto de Prometeu ou de Fausto, esse de querer corrigir a criação. O que será que os deuses acham disso?

Mas voltemos a Machadinho, cidade tão distante do luxo onde, apesar disso, as flores e o colorido da casa de Omiro sugerem a idéia de que alguns colonos, pelo menos, estão ultrapassando o patamar da mera sobrevivência para ir em busca de outras aventuras: a do supérfluo, a da beleza das coisas.

A visita às terras de Omiro confirma o que nos dizem baixinho todas essas fileiras de flores. Galpões de uma limpeza e ordem meticulosas, ferramentas reluzentes, estoques de sementes de reserva, um poço bem mantido, rebanhos de vacas, um grande laranjal, cada coisa em seu lugar. Calma. Nenhum nervosismo. E quando a gente entra na casa, é limpiíssima a sala onde Omiro e sua família recebem seus visitantes. Aqui, tudo respira a paz e a sucesso.



A ordem meticulosa da casa de Omiro: paz e sucesso

Não ficarei sabendo o quanto custou esse sucesso, pois Omiro é um homem muito discreto. Nada de efeitos retóricos. Poucas palavras. A tranqüilidade de um homem que dominou as provações. Não tem o entusiasmo avassalador do meu primeiro José, é menos profético do que o segundo José, mas é mais organizado do que os dois Josés juntos. A cada um o seu estilo.

E, no entanto, deram a Omiro um terreno do mesmo tamanho que aos demais colonos. Ah, as primeiras semanas! A família tinha chegado do Paraná, era de noite, designaram-lhe, como aos outros colonos, o pedacinho de floresta que ia se transformar em seu destino. Fico tentando imaginar esses homens e sua filharada descobrindo a floresta no final de uma viagem interminável. Fico tentando imaginar esses homens divididos entre a alegria e o terror. Viagem para o fundo

da noite: mas da noite luminosa ou da noite escura?

E o trabalho começa - desmatamento, queimadas, construção de uma cabana, início das primeiras plantações, café, laranja, depois um pouco de gado. Hoje, a família possui cem cabeças de gado, emprega trabalhadores agrícolas quando chega a hora da colheita e, em 1992, mandou construir esta casa. Não uma casa construída por suas próprias mãos, como a da maioria dos outros colonos, mas uma casa de verdade, feita por pedreiros profissionais.

Não vamos acompanhar passo a passo a pequena epopéia da família de Omiro pois, nela, encontraríamos os mesmos ingredientes da maioria dos outros habitantes de Machadinho: a onipresente malária, a morte, o desânimo, trabalho, trabalho, trabalho... Os ingredientes, por toda parte, são os mesmos, mas os resultados, não. No começo, havia igualdade entre os colonos (à exceção de uns poucos, muito raros, que traziam um dinheirinho ou algumas máquinas, o que lhes permitiu decolar mais depressa). Hoje, uns moram em barracões cinzentos; outros, em casinhas brancas, vermelhas e azuis.

Esta é a lição das cidades novas: no começo, as mesmas chances, uma só miséria, um só despojamento, uma só esperança, uma só coragem. Dez, quinze anos depois, o mito da igualdade foi por água abaixo. Ninguém chegou a ficar rico, mas uns vivem de maneira decente enquanto outros vão aos trambolhões, de uma infelicidade para a outra. Por que tantas diferenças? Talento? Força? Família? As feridas da alma? Sorte ou azar? Coragem? Isso é um mistério. Mas há uma lição que fica: a igualdade, esse mito que fez tantos povos se rebelarem, esse lugar comum, esse "topos" assassino de todas filosofias "utópicas", de Platão a Etienne Cabet, passando por Thomas Moore ou Lênin, a igualdade, infelizmente, é uma ilusão, tecida com o pano esfarrapado dos sonhos.

Visitei vários outros sítios. Cada um deles tem o seu jeito, a sua estrutura, seus fracassos, suas vitórias. Cada um deles tem também seus fantasmas. Há quem tenha investido todas as suas economias num trator que aluga aos outros agricultores, para que eles façam os trabalhos pesados. Há uma família de inventores, dois irmãos que moram em lotes vizinhos e possuem o mesmo gênio mecânico. Augusto dos Santos fabricou uma engenhoca digna das invenções de Leonardo da Vinci, para tirar água do poço. Um mecanismo de relojoeiro suíço.

Augusto sofre da bulimia da

Augusto sofre da bulimia da engrenagem, da roda, do pistom. Ele mesmo fabrica seus automóveis. Com quê? Ele sai passeando pelo campo e vai catando todos os pedaços de metal ou plástico que encontra e estocando-os num depósito de peças soltas, uma coisa de maluco que, um dia ou outro, acabará lhe servindo para fazer um novo motor - um moinho de cana-de-açúcar, uma máquina de lavar - sair roncando por aí.



Augusto e uma de suas criações especiais: o inseparável carro.

O terreno de Augusto parece um quadro surrealista, no qual circulam carros que não existem. Carros intemporais, nem fora de moda nem futuristas. Idéias de carro, mais do que o carro propriamente dito. E como só existem em exemplares únicos, o justo era que alcançassem preços astronômicos no Salão do Automóvel de Paris. Augusto é generoso. Preocupa-se com o trabalho arrasador das mulheres. Por isso, criou um motor móvel, de moto, montado numa espécie de carrinho de criança, que ele leva o tempo todo de um lado para o outro e, dependendo da hora do dia, liga na máquina de lavar roupa, na de lavar pratos ou em qualquer outro aparelho doméstico.

É, o tema utópico da igualdade, que sempre ronda uma cidade nova, não resistiu ao ser posto à prova. Alguns Robinsons conseguiram vencer a tempestade e a fome. Outros continuam se debatendo pela sobrevivência. Da civilização, cada um aclimatou, nestes confins, o que preferia ou aquilo que dominava mais: um deles atacou a floresta com o mesmo apetite famélico com que devora a vida; outro utilizou a Bíblia para levar adiante o diálogo sutil e fascinante com Deus e Satanás; o terceiro dá livre curso a seu gênio para a mecânica e a invenção.

Há a mesma variedade na escolha do que um ou outro planta. Por toda parte, quase, as culturas anuais ocupam áreas maiores do que as perenes. Feijão e cereais estão presentes na maioria dos lotes, mas encontramos também trigo mourisco, arroz, milho, mandioca, cana-de-açúcar. Com os anos, porém, as culturas perenes desenvolveram-se muito. Café e cacau são os campeões. E, hoje, estão chegando o guaraná (a nova mania) e as seringueiras (que mal estão começando a produzir, pois as árvores não podem ser sangradas antes de sete ou oito anos). Entre as frutas, banana, mamão e as cítricas. Criam porcos, galinhas, patos, bovinos. As galinhas e patos destinam-se à família. Os bovinos constituem um investimento de

capital acumulado (mas o leite fica para a família).

Em compensação, seja qual for a natureza das culturas, estratégias ou procedimentos comuns vão se impondo. Em Machadinho, utilizam-se muito pouco as máquinas motorizadas. É a mão, antes do motor, que cultiva. Há poucos herbicidas, fertilizantes corretivos ou sementes selecionadas, o que, com a pobreza do solo, resulta numa produtividade que, com freqüência - mas nem sempre - é inferior à média nacional. A Embrapa observou, ao longo dos anos - e vai continuar observando, por um período de cem anos (sim, foi o que eu disse, cem anos!) - uma amostragem de 36 lotes. Alguns exemplos: em 1993, Machadinho produziu 1.315 quilos de arroz por hectare, contra 2.103 de todo o Brasil. A proporção do cacau foi de 270 por 597 quilos por hectare. No caso do café, é o contrário: a média é de 920 quilos por hectare; a de Machadinho, de 1.238 (mas do tipo robusta).

Enfim, ainda que muita gente deplore essa prática, a maioria dos colonos continua recorrendo às queimadas para limpar o terreno, eliminar as coivaras, renovar as pastagens. Provavelmente eles conhecem os inconvenientes da queimada: no primeiro ano, graças às cinzas, as culturas anuais dão uma boa colheita. No segundo ano, a colheita diminui em 30%, em outros 30% no terceiro, o que explica a preferência dada às plantações perenes. Apesar de tudo, o fogo é muitas vezes considerado uma técnica produtiva, da mesma forma que a capina, o plantio ou as operações de colheita. Mais de 85% dos agricultores da região praticam a queimada anualmente.

Numa outra região, um padre contou-me que, ao se confessarem, alguns dos homens lamentam ter queimado as suas terras, o que constituiria uma revolução teológica: um novo pecado está nascendo, o pecado contra a floresta. Mas é bem provável que sejam necessários um pedido de homologação, uma boa papelada, dois ou três concílios e três ou quatro papas antes que esse pecado novinho em folha entre para a lista dos pecados oficiais e fiquemos sabendo se ele é mortal ou venial. Em Machadinho, pelo menos, não obtive confirmação de que semelhante arrependimento ecológico exista.

Uma semana em Machadinho do Oeste não permite formular um julgamento. Uma intuição somente: a vida dos colonos, nestes últimos 15 anos, continua árdua e, se alguns conseguiram sair do vermelho, não estão mais na zona de perigo, todos eles ainda estão lutando feito o diabo para conseguir sobreviver. A esse respeito, aliás, há uma

coisa que eu gostaria de dizer: o povo brasileiro gosta de zombar de si mesmo. É o que poderíamos chamar de "a polidez do desespero". Van glória-se de ser um povo preguiçoso. Que bobagem! Os brasileiros trabalham como mouros. Os que conheci em Machadinho despertaram a minha admiração pelo apetite que têm para trabalhar, por sua resistência, por uma coragem próxima ao heroísmo.

Não compartilho as opiniões catastrofistas ou superprotetoras que a gente ouve, daqui e dali, dizendo que Machadinho é um fracasso, uma guerra perdida. É claro que o combate ainda não está ganho; mas os homens continuam a combater com lucidez, mesmo não sendo ajudados, apoiados e estimulados como mereceriam pelos organismos oficiais, com assistência técnica, empréstimos, bancos, infra-estrutura. Ainda que a idéia inicial fosse discutível, a maior parte dos lavradores está disposta a continuar, com entusiasmo ou com resignação. E depois, voltar para onde? Para as favelas de Belém ou de Manaus? Para a degradação e a morte? Nesta viagem não há passagem de volta!

Acho, porém, que ainda estamos longe do desastre anunciado. Longe também da prosperidade com que, em outros tempos, se acenava, com o risco de fabricar gerações inteiras de mutilados da vida. Trinta anos atrás, esses acessos de lirismo eram grotescos. Hoje, dá para ver que eles eram também criminosos. O tempo das promessas insensatas já passou. O tempo da grande marcha, das novas fronteiras, das realizações faraônicas já virou fumaça. A colonização deixou de ser uma cavalgada tecnocolorida, com clarins, tambores, bandeiras e grandiloquência pois, ao longo do tempo, muitos infelizes perderam as suas ilusões; transviaram seu destino, sua alma, sua vida. Hoje, eles continuam tentando empurrar mais para frente essa fronteira, mas a modéstia, a lentidão e a seriedade vieram tomar o lugar do brilho fácil, da brutalidade e das promessas enganosas. A utopia morreu e, com ela, os seus venenos. E a História nos ensina que, cada vez que uma utopia morre, a vida ressuscita.



Capítulo

06

Todas as manhãs, Machadinho se arruma toda: brigadas de mulheres saem limpando as ruas. Armadas de vassourões, fazem montículos de poeira amarela. Depois, ficam com aquela cara de quem está se perguntando o que fazer com aquilo, numa cidade onde só há poeira amarela. Tenho para mim que ainda não encontraram a solução. O que não as impede de continuar fazendo as suas pilhinhas. São mulheres aplicadas e enigmáticas.

Será que um dia elas vão conseguir recolher toda essa poeira e jogá-la fora? Mas, aí, o que restaria de Machadinho, se é tão invasora essa terra amarelada que se impregna em tudo, envolve com uma película opaca as casas térreas, os depósitos, as lojas, a grama, as árvores o próprio sol. Parece que é essa a tese das enérgicas donas de casa de Machadinho, pois elas se limitam a mudar a poeira de lugar.

Esse pozinho amarelado dá um ar estranho à cidade. Suas ruas e casas não parecem nem velhas nem novas. Ficam com cara de um cenário de teatro ou de ópera, mas de uma ópera muito antiga. Ao ver o impalpável véu de poeira e cinzas que forma um casulo em torno de todas as coisas, o que a gente se pergunta é se as casas não são cenários, telões pintados, simulacros.

Em alguns faroestes americanos, a gente vê lugares assim, cidades-fantasma. É o que há de mais normal. Entre as cidades pioneiras, estejam elas no Oeste americano do século 19 ou na Amazônia do século 20, há convivências: casas de madeira, feitas de qualquer jeito, ao lado de outras mais decentes; uma carrocinha puxada por uma mula melancólica; silhuetas de homens ou mulheres que bruxuleiam ao sol desastroso do meio-dia, ao sol sufocante do cair da tarde.

Só faltam, em Machadinho, os



Só faltam, em Machadinho, os caubóis sublimes dos faroestes, Gary Cooper, Clark Gable, Humphrey Bogart, Clint Eastwood, que passeiam, desenvoltos e desengonçados, com dois enormes revólveres dependurados na cinta. Só faltam os "saloons" onde os jogadores de pôquer, ruins pra cachorro, enchem a cara e se distraem com beldades venenosas, enfarpeladas com corpetes vermelho e preto.

Faroeste amazônico, mais rústico e não tão belo quanto os faroestes norte-americanos.

Nada do que fazia o charme, o fascínio do faroeste foi previsto pelos programadores de Machadinho. Não adianta procurar. Não há uma só silhueta de índio na rua. Então é isso? Machadinho é um cenário de faroeste ao qual só falta o lirismo do faroeste? Dizer isso seria injusto, pois as cidades do Oeste americano, Abilene, Fort Laramy, Fort Bridger, também não tinham nada de brilhantes. Só no cinema é que elas são assim. Seus caubóis pareciam-se mais com desempregados sem ter onde cair mortos do que com Clark Gable; e as garotas dos "saloons" não tinham as pernas de Marylin Monroe. E depois, Machadinho tem pouco mais de 15 anos. Antes, o que era a cidade? Um pedaço de floresta. Nada.

Aí, os homens chegaram. E nesse espaço de tempo curtinho de 15 anos, fabricaram tudo isso, cabanas, estradas, a igreja, ruas, armazéns, templos, alguns restaurantes, entrepostos. A cada ano, um pequeno complemento de civilização se esgueira para dentro da cidade. Casas de alvenaria vêm substituir os constrangedores barracões do início. A eletricidade vai derrotando a noite. Os hotéis instalam chuveiros. Constrói-se uma praça em forma de estrela, com um bar.

Mas será que isso basta para fazer uma cidade? É preciso outros ingredientes. Bebês, por exemplo. Nesse ponto, está tudo bem pois, afinal de contas, as noites são compridas. Precisa-se de velhos, também. Mas nisso foi preciso esperar: 15 anos atrás, não havia um só velho em Machadinho. É claro, os homens decididos a arriscar essa aventura eram jovens, tinham no máximo 50, 60 anos. Hoje, felizmente, esses homens de 60 anos estão com 15 anos a mais, de tal forma que os primeiros velhos estão começando a aparecer. Não há motivos para se desesperar.

Um outro ingrediente deve estar presente em todo povoado que se candidata ao bonito nome de "cidade": mulheres jovens, bonitas e amistosas. Nisso, também, Machadinho faz o que pode, a julgar por um barzinho não muito luxuoso, mas com um telhado exótico, que fica na

periferia da cidade e é atendido por um pessoal exclusivamente feminino.

Nada disso existia nos primeiros dias. Para falar a verdade, nos primeiros dias não havia nada, só o sol, as árvores e a chuva.

Ah, a chuva! A cidade estava em construção. Era uma cidade de caminhões, tratores, máquinas. E, na estação das chuvas, quando o chão se encharcava, esse parque industrial todinho atolava, como uma esquadra de navios naufragados. Era preciso arrancar tudo do lamaçal.

"O pessoal todo participava. Sabe, ali naquela rua tinha um castanheiro imenso que foi preciso arrancar para poder fazer uma rua transversal. Trouxeram aquelas máquinas enormes e trabalharam três horas até conseguir fazer a árvore cair. O senhor precisava ouvir os gritos de alegria quando a árvore foi para o chão. Era uma vitória. Uma vitória do homem e da civilização. O começo de um mundo! Hoje, já temos um belo rebanho de bovinos. Mas, nos primeiros tempos, eram muito pouquinhos. E não tínhamos matadouro. Matavam os bois lá naquela pracinha onde, hoje, fica o jardim público, e todo mundo ia ver matarem o bicho e ficavam brigando para cada um levar um pedaço dele..."

Entre os primeiros a chegar estava um dos farmacêuticos da cidade. Um homem jovem, dinâmico, falante, cartesiano feito o diabo e com uma grande acuidade de julgamento: "Eu vi essa cidade nascer. No princípio, havia o mito da Terra. Quase o mito do Paraíso. Mas você sabe que os paraísos não dão em árvore. E o pessoal chegou aqui num estado de despreparo cultural absoluto. Os lotes foram distribuídos ao acaso, sem definição, sem objetivo claro, sem projeto. As pessoas vinham para cá porque achavam que iam enriquecer. Mas não enriqueciam nada. No início, a vida era dura e muitos deles davam o fora."

"Percebo isso pela clientela da minha farmácia. Em 1997, não tenho 20% da clientela do começo. E, por mais que digam o contrário, as pessoas continuam a ir embora. Quem é que fica? Os mais resistentes ou, então, os que tinham alguns recursos, umas reservas financeiras. Ou os colonos que vieram da Europa. Esses são os melhores." (Essa é uma observação que eu vou ouvir muitas vezes, durante a minha viagem. Os europeus são os melhores. Têm fama de trabalhar melhor e de serem mais honestos. Às vezes, o tom é nitidamente racista: "Quando os primeiros pretos chegaram, tudo se escangalhou de vez...", disse-me o

prefeito de uma dessas cidadezinhas.)

Quem é que vinha para cá? Gente que tinha ouvido falar de lucro fácil. Iam enriquecer de um dia para o outro. Isso criou vagabundos e, depois, desesperados. Havia também os violentos. Nos primeiros anos, assassinatos não eram raros. Chegou a haver 24 num mesmo mês, sempre pela mesma razão: a terra, a propriedade.

"Hoje, as coisas vão melhor: o tempo passou. A estabilidade política deixa a gente mais tranqüila. A inflação se acalmou. Fizeram alguma coisa pela educação. Pela educação espiritual também. Alguns já estão podendo até fazer suas economias. Tem até quem chega a poder tirar uns diazinhos de férias. A qualidade de vida está melhorando. A alguns quilômetros da cidade, no Rio Machadinho, fizeram uma cachoeira. Vá lá ver: é muito bonita. A moçada toda vai para lá. Os velhos também. Tem um clube e, o senhor viu essas antenas parabólicas todas? Tem televisão também."

Mas os problemas de saúde ainda existem. É uma ladainha em todas as cidades pioneiras. Mas nas cidades mais antigas também: em Bragantina, no Pará, em Tomé ou Capitão Poço, a situação sanitária é ainda mais desastrosa do que em Machadinho.

"Na farmácia, vejo de tudo um pouco. Dou conselhos médicos, porque não temos muitos médicos por aqui. Há muitos acidentes na floresta e nos lotes. A malária, que tinha diminuído, parece que está voltando. E há uma porção de doenças respiratórias, gripes, asma, pneumonia... Não há mistério: o ar é empestado. Chuvas intermináveis, uma umidade danada e, na estação seca, fumaça, poeira... A vida, no início, não era mole. Principalmente para as mulheres que tinham de cuidar das crianças e dos doentes. Um dos sintomas dessas cidades pioneiras é a desagregação familiar, ligada ao trabalho duro, ao desespero, à miséria. Mas eu constatei uma coisa: as mulheres se queixam, sim, mas são mais resistentes, corajosas e firmes do que os homens. Mesmo quando o mar não está para peixe, elas agüentam o tranco. E não perdem o rumo. Mantêm a gente tranqüila."

"Lazer é outro problema. Há a televisão, sim, mas as noites são intermináveis, espessas, pesadas, inertes. A cidade parece ter sido abandonada por Deus e pelo diabo. O pessoal vai para o bar. Fica zanzando de um lado para o outro. Há dias de festa. Aí, eles dançam, passeiam. Vão procurar as moças. A sexualidade é o maior problema. Mas,

também, o que é que você quer que os jovens façam? Na juventude, a sexualidade é intensa. Fico atarantado com todas essas garotinhas grávidas. E quando uma menina pega barriga de pai desconhecido, ou covarde, que não quer assumir, a vida dela vai pro vinagre, sabia? Mas eu ando notando uma mudança. Dez anos atrás, eu não podia nem falar em 'camisinha' ou 'anticoncepcional'. Eles teriam me olhado como se eu fosse um canalha. Hoje, já é possível falar em 'planejamento familiar' sem provocar escândalo."

O farmacêutico fala dos progressos espirituais. A igreja de Machadinho é a prova disso. Assisti, nela, belas cerimônias, com a participação intensa dos fiéis. O padre é um belga, flamengo, grandalhão, quadrado, amável, decidido. Não é fácil arrastar esse belga para uma discussão teológica ou política. Ele está lá para cuidar de seu povinho. Segura firme o arado, faz com ele um sulco bem retinho e pronto! As medidas que ele toma são práticas. Toma conta, como um mecânico, de todas as engrenagens que instalou de oito anos para cá: a pastoral das mulheres, as reuniões de leigos, a celebração dos cultos, os grupos de base.

Tem problemas de logística, de intendência, é claro. Seus migrantes vêm de lugares muito diferentes. Um gaúcho, um baiano, um mineiro não jantam na mesma hora. Então, quando marcar a missa ou os ofícios, sem ofender uns ou outros? Questão fundamental. Fazer uma cidade é uma bela coisa; mas como fundir, numa única comunidade, pessoas que vêm do centro, do sul, das margens do Rio Uruguai? Todas as cidades pioneiras enfrentam essa provação. Têm de confiar no tempo. Já estão acontecendo alguns casamentos "mistos": uma menina que quase nasceu em Machadinho casa-se com um rapaz vindo de outra região. Microcosmo, em suma, do problema dos fluxos da população, que se coloca, tragicamente, em outras partes: num país inteiro, num continente, no mundo.

Política? O padre é prudente como a cobra de meu amigo José. O Conselho Pastoral da Terra está muito comprometido com as questões de terra e propriedade, com os posseiros. "Isso me interessa", digo eu. E logo em seguida descubro que um padre flamengo só diz o que tem vontade de dizer. Ele também me assegura (ao contrário do que dizem os funcionários do governo) que as pessoas largam a terra. Fala-me de um fenômeno recente: mulheres, cansadas da vida solitária em propriedades isoladas, sem contato com ninguém, sem distração, vêm para a cidade e trabalham como faxineiras. Os maridos vêm vê-las de 15 em

15 dias e, com isso, o que acontece com a família?

Seitas? Sim, ele sabe que elas estão pululando e isso o desencoraja. Não chega a entender o que querem, pois são muito instáveis e uma substitui rapidamente a outra. Diante dessa proliferação de seitas, a Igreja Católica e as protestantes - as de verdade, que guerrearam entre si com tanta frequência ao longo da História -, reconciliam-se nessas frentes pioneiras. Assistimos a encontros entre católicos e protestantes. Eis uma lição que nos enche de alegria: as duas igrejas, que encharcaram de sangue o Renascimento, lutam juntas, no norte do Brasil, contra as espiritualidades desbandeiradas da miséria. Seria bom se os irlandeses que, há centenas de anos se massacram, viessem fazer um estágio neste pedacinho de mundo.

Quando falo da floresta, das queimadas, do desmatamento, o padre flamengo é discreto. Não notou que lavradores sentem remorso porque tocaram fogo nas árvores. Em compensação, interessa-se pelo esforço que estão fazendo em Machadinho para ensinar as pessoas a usarem plantas medicinais. Chegou até mesmo a colocar a sacristia à disposição de duas mulheres, para que elas dêem consultas.

Uma tarde, assisti a uma dessas consultas. Longas filas de mulheres, principalmente, com seus filhos, pedindo ajuda. Nada de suspeito. As duas enfermeiras não são charlatãs. Ensinam os recursos infinitos das plantas amazônicas. As clientes não têm aquela cara de alucinadas que a gente vê à porta dos "magos" ou dos "gurus".

Ao deixar o padre, fiquei me perguntando se este homem está desencorajado ou confiante. Mas depois, achei que essas questões não tinham sentido, nem aqui, nem com este homem. Machadinho, como qualquer cidade pioneira, é frágil e pobre. E seu vigário é um operário, faz seu trabalho, escuta todo mundo, sem emoção nem lirismo. É um homem semelhante àqueles lavradores que, num terreno ingrato, revolvem a terra, plantam, ficam espiando o céu à espera de chuva enquanto ordenham as suas vacas.

No fim, ele já está falando da hora de se aposentar. "Sabe-se lá. Ainda tenho boa saúde mas, dentro de alguns anos, sabe-se lá. Só sei de uma coisa: para a Bélgica eu não volto. Sabe, tem tanto tempo que eu saí de lá e voltei tão poucas vezes... Já não conheço mais ninguém. Que é que iria fazer lá? É, a vida aqui é muito dura, falta um monte de coisas, mas há abundância de um produto, sabe? O calor humano. E esse produto é uma

riqueza de verdade."

Capítulo 07 ▶



Depois de uma semana passada em Machadinho, a gente já está com vontade de ver um pouco da Amazônia. Afinal de contas, você está na maior floresta do mundo, ela corresponde a um terço da floresta tropical úmida do planeta, está cheia de lendas e mitos, é ao mesmo tempo Éden e Inferno. E você ainda não deu nem uma olhadinha nela.

A Amazônia matou montes de exploradores, foi o sonho da Europa, contém recursos insondáveis - entre eles a canela que o tenente-geral Francisco de Orellana estava procurando, em companhia de Gonzalo, o irmão de Francisco Pizarro, e de seus 340 hidalgos, de seus 2.500 cães treinados para estraçalhar os índios, de suas 2.000 lhamas e seus 2.000 porcos.

E isso não é tudo. Contem também um rei coberto de ouro; um lago que não existe, o Parima; e os ewaipanoma, homens sem cabeça, descendentes da última tribo de Israel. E, no entanto, em Machadinho, eu não vi nem guerreiras amazonas, nem rebanhos de vicunhas, nem as cidades com muralhas de prata que, no século 16, tinham sido observadas por aquele canalha do Walter Raleigh.

Deus tirou de seus depósitos tudo o que tinha de mais bonito para jogar nesta floresta: três ou quatro níveis de árvores enroscadas umas nas outras; penumbras intocadas desde o início dos tempos; milhões de toneladas de formigas; a linha do Equador; sapos mortíferos e sapos inofensivos; noites atulhadas de estrelas do Norte e do Sul ao mesmo tempo; nenúfares gigantes, milhares de rios... E dessa caverna de Ali Babá, com tantas maravilhas, o que foi que você viu na semana que passou em Machadinho?

Viu um sol estrangulado, céus brumosos, uma cidade borrada de amarelo e, no campo devastado, troncos enegrecidos, parecendo dentes cariados, paisagens que dão a impressão de estar querendo reproduzir as velhas fotos da guerra de 1914-18 ou o ossuário de Verdun. Quanto aos animais, você ouviu os gritos dos macacos, lá no terreno do seu Bola, avistou um punhadinho de borboletas amarelas e um mutum, com seus penduricalhos vermelhos, pegadas de tatu, cocô de capivara, uma cobrinha minúscula e aflita

lá para os lados do José... É muito pouco!

Aí, um belo dia, saímos em busca da floresta. Grande do jeito que ela é, teríamos de ver pelo menos um pedacinho. Uma estrada, se é que se pode chamá-la assim, levou-nos uns 100 quilômetros para o norte, na margem esquerda do Rio Machado. Fim da linha: um povoado chamado Tabajara.

Uma outra cidadezinha de faroeste, como Machadinho, mas com um modelo diferente: minúsculo, gasto, amedrontado, mas bem menos empoeirado, pois os planejadores, que sempre carregam toneladas de poeira com eles, ainda não invadiram estas lonjuras. E Tabajara tem uma outra singularidade: este povoado de nada, pelo qual ninguém daria um figo podre de tão miserável que é, possui uma história.

Dessa história há, aqui e ali, alguns vestígios. A igreja exhibe orgulhosamente a data de sua construção: 1903. E, principalmente, ao longo da ruazinha que passa entre as poucas casas, você nota postes que ali foram plantados, no início do século, por uma sociedade inglesa que tinha enfiado na cabeça que ia explorar a borracha.



Os colonos trabalham na exploração da borracha, que perdeu sua importância econômica na região.

Mas a gente sabe que, naquela época, a borracha passou por alguns problemas. Em 1876, o inglês sir Henry Wickham instalou-se em Santarém para estudar as orquídeas. Tinha uma cara de poeta mas, não se enganem, a cabeça era de cientista. A cara inocente era um engodo e a história das orquídeas, um disfarce. Na verdade, o inglês das orquídeas surrupiou 70.000 sementes de hévea que mandou para Londres e, de lá, 30 anos mais tarde, para a Malásia. Dessa forma, a borracha amazonense, que tinha feito de Manaus a cidade mais esnobe do planeta, vai parar na Ásia. Os seringueiros de Madeira, do Acre, de Madre de Diós, de Beni e Belém ficam arruinados. Os ingleses de Tabajara também.

Mas os postes ingleses de Tabajara ficaram. Invencíveis. Indestrutíveis. Indesgastáveis. Postes do melhor aço de Manchester, talhados para atravessar o milênio, para resistir à bomba atômica, postes eternos. E nesta manhã, cá estamos nós a olhá-los com "temor e tremor", como diria Kierkegaard, com devoção, do mesmo jeito que a gente admira os desenhos traçados pelo homem de

Neanderthal nas paredes de sua caverna.

Esta é uma das malícias da Amazônia: a gente acha que ela está inviolada, que é virgem de qualquer história, pura de passado, fugida do tempo dos mamutes e dos dinossauros e, de repente, ao acaso de uma expedição, de um passeio, descobrimos que outros homens viveram e morreram neste fim de mundo, lançaram-se em empreendimentos inauditos mas foram logo devorados pelo tempo, estradas de ferro que os cipós e as formigas engoliram, cemitérios tão mortos quanto as sepulturas que contêm, cidades naufragadas, usinas cujas máquinas, hoje, só fabricam pó.

Você se dá conta de que soldados já passaram por esta Terra Incognita, pés-de-chinelo vindos de Castela, em 1560, seguindo aquele biruta do Aguirre. Um século mais tarde, outro aventureiro, dessa vez português, o capitão Pedro Teixeira, tinha ligado Belém a Quito, em 24 de junho de 1643, com 46 pirogas, 60 soldados portugueses e 1.200 índios. Ou então, você descobre que monges não-identificáveis tinham erguido, em lugares onde a civilização só está chegando hoje, estelas ou marcos de fronteira. Mas de que fronteira estamos falando? Da fronteira entre uma terra-de-ninguém e outra. Fronteiras dignas de um romance de Dino Buzzati, Franz Kafka ou Umberto Eco. Cruzes de pedra, blocos babilônicos com nomes e brasões que vão se decompondo, com mensagens que os suntuosos aventureiros dos séculos 16 e 17 enviaram ao futuro, para nós, da mesma forma que um marujo confia a sua agonia a uma garrafa jogada ao mar. É assim que, nos recantos mais remotos da Amazônia, a História nos faz inesperadas carícias com suas mãos de morta.

O geógrafo Pierre Monbeig dizia que, no Estado de São Paulo, dez anos já são história. Nada mais exato. E a Amazônia de 1997 também obedece à Lei Monbeig: ela não dá conta de fazer surgir uma cidade inteira, como Altamira, Urucurui, Machadinho ou Juruena, em 10 ou 15 anos?

E, no entanto, a essa lei de Pierre Monbeig deve-se acrescentar a lei contrária: a história da Amazônia não começou há 20 anos, com o grande fuzuê da Transamazônica, com o Incra, o Pin, a Polamazônia, a Polonordeste e, mais tarde, a Calha Norte... A Amazônia, com sua cara de terra pré-histórica (Arthur Conan Doyle não se enganou ao situar nela o diplococo de seu romance "O Mundo Perdido") é um solo entupido de história, de história apodrecida, lavada pela chuva, digerida por esse arvoredado enlouquecido mas em meio ao qual, aqui e ali, percebemos as estelas semi-devoradas.

Estávamos, portanto, em Tabajara, mais de meio século depois dos ingleses. Na margem do rio, mulheres lavavam roupa batendo-as em enormes tábuas, e só faltavam alguns búfalos e as cúpulas brancas do Taj Mahal para acreditarmos que tínhamos chegado às margens do Rio Yamuna, na Índia.

Um barco deslizava sobre as águas resplandecentes. Ele encostou à beira do rio, para entregar sua carga de borracha, vinda da outra margem. Carga magra, para liliputianos... mera lembrança dos áureos tempos da borracha: "Em outros tempos, sabe, no auge dos seringais, dava para a gente atravessar o Rio Machado a pé, pisando nos fardos de borracha."

Pegamos o barco, demos uma volta no Machado, longe da poeira, longe da cinza. Luzes subiam do fundo da água e, quando desligávamos o motor, o silêncio era tão claro, tão aveludado, que os gritos dos macacos se afogavam.

Lá pelo meio-dia, estávamos de volta a Tabajara, diante da imensidão: esse povoado ergue-se sobre o Rio Machado. Na outra margem, estende-se um espetáculo infinito: a terra nua. Nem uma árvore. O solo amarelado. Aqui, há uma "pelada" na floresta. Desta vez, a pelada, uma imensa clareira, não é um mal-feito dos civilizadores e, sim, uma distração da geologia. E essa região sem floresta não é pequena, pois é atravessada pelos três afluentes do Machado, os rios Preto, Branco e dos Marmelos. É uma Terra Incognita. Nos mapas, não tem nome. Mal é assinalada como reserva indígena.

Numa lanchonete ínfima, comemos às pressas uns sanduíches e tomamos uma cervejinha. Era o ponto de encontro dessa terra vazia. Um jovem, talvez índio, parecia estar esperando ali há umas duas ou três eternidades. Esperando o quê? A nós, provavelmente, pois assim que nos viu começou a nos contar a sua vida. Alguns anos antes, tinha atravessado aquele planalto nu e intrigante, ali do outro lado do Machado. Andou 15 dias seguidos, era uma caminhada forçada, e dormia ao relento. Procurava ouro. Mas ouro não havia. Ficou ferido, mas parece que, mais para longe, ao lado de um grande lago, achou cassiterita. Um dia, ainda pretende voltar lá. A Amazônia é assim: uma caçada ao tesouro e montes de sonhos...

O jovem, talvez índio, ia continuar a nos contar as suas aventuras. Mas aí surgiu um outro personagem que parecia ter sido criado por um passe de mágica, ali mesmo,

debaixo de nossos olhos, como se, até então, tivesse estado escondido numa dobra da luz do sol. Não o tínhamos visto quando entrou no botequim, embora ele não fosse nem um duende, nem um elfo, nem um anão. Pelo contrário, era bem alto, robusto, com mãos grandes, uma voz forte, um olhar imperial, simpático. Ao lado dele vinha o filho, de uns 20 anos. Um senhor feudal, diante do qual tive a impressão de que o índio se encolhia, ficava pequenino até se apagar no trêmulo ar daquele meio-dia azul e amarelado. Se tivesse vivido na Idade Média, aquele homem tão alto, tão poderoso, tão tonitruante e simpático, teria certamente construído um imenso castelo com um torreão, teria forjado couraças para si mesmo e o seu corcel, teria ido para as Cruzadas em Jerusalém.

Aqui, em Tabajara, o seu castelo é uma grande, imensa fazenda que se estende por quilômetros, ao longo da margem direita do Rio Machado, bem no sopé daquele planalto pelado e inviolado (inviolado em termos porque, depois, descobrimos que um consórcio de dez fazendeiros já estava se organizando para plantar soja ali, construir um aeroporto, todo o badulaque da civilização. É, as Terrae Incognitae da Amazonia já estão cheias de empreendedores invisíveis e de aeroportos clandestinos...)

Infelizmente, a fazenda daquele senhor medieval era um pouco longe para que a visitássemos naquele dia. Mas seu filho e ele se ofereceram para nos levar a uma cachoeira no Rio Machado. Valia a pena. Quando objetamos que as estradas eram precárias, o grande fazendeiro riu e nos enfiou num caminhão de dez metros de altura.

O dia estava jóia. O céu, de um azul macio, parecia estar gostando de nós. A cachoeira tinha mesmo cara de cachoeira: um modelo do gênero, um arquétipo de cachoeira, uma cachoeira que parecia ilustração de livro infantil, com espuma, rochedos, tudo que uma cachoeira precisa ter. Havia até duas corredeiras sucessivas, de modo que, entre elas, o rio pudesse formar uma grande bacia, às vezes tumultuosa, às vezes lisa como cetim.

O filho do senhor feudal tirou um



O filho do senhor feudal tirou um arpão não sei de onde. Parecia um quadro, um daqueles desenhos que Hercule Florence fazia para o barão de Langsdorff, ou então Henry Walter Bates, ou obras daqueles desenhistas que Condamines, Humboldt, Spix, Wallace, todos os grandes exploradores dos séculos 18 e 19 trouxeram com eles. Não demorou nada e um peixe, acho que um pintado, começou a saltar na ponta do arpão, multiplicando em suas escamas os raios do sol. Cada um desempenhava à perfeição o seu papel: o peixe, o murmúrio das águas, o céu de vidro e seda, a linha palpitante das palmeiras ao longe, o reflexo do rapaz com seu arpão dentro da água. De vez em quando, a brisa soprava, a imagem do moço estremecia, sumia um pouquinho, aparecia de novo na superfície da água.

Na volta da pescaria, o jovem exhibe o arpão que serviu de arma.

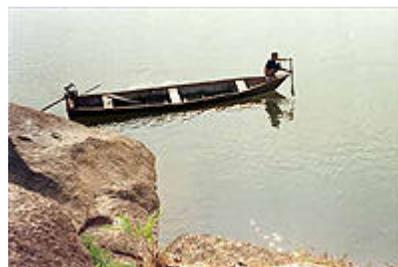
O senhor feudal e o seu filho tinham organizado direitinho a recepção. Na margem, havia a cabana de uma família de caboclos, cheia de meninos e meninas. Nosso anfitrião dava tapinhas gentis na cabeça da garotada. Parecia um boiardo de um romance de Tolstói fazendo uma visita a seus mujiques. Nós mesmos estávamos fazendo o papel de figurantes. Tudo parecia estar em seu lugar. Só ficávamos esperando que a campainha tocasse três vezes para a cortina se abrir e começarmos a representar a cena do Paraíso Terrestre.

Só que não era exatamente o Paraíso. O Paraíso também evolui, sabiam? Quando acabamos de nos extasiar com aquela paisagem idílica, descobrimos que não éramos os únicos a freqüentar aquela cachoeira de fim de linha, onde a estrada acabava. Espalhado pelas margens, debaixo das árvores, ao abrigo dos rochedos, havia um verdadeiro "lixão" de supermercado: embalagens de chiclete, de cigarros, sacos plásticos, garrafas de Coca-Cola, latinhas de cerveja... O Éden amazônico tinha virado a floresta de Fontainebleau.

Depois de 25 anos de solidão, Robinson Crusoe descobre na areia a pegada de um pé humano (é o de Sexta-feira) e o romance de Daniel Defoe segue rapidamente para o desenlace. Nós, nas mais protegidas solidões, descobrimos coisa pior do que um pé humano: todos os dejetos da civilização. É que as caravanas de pescadores, vindas de outros Estados, equipadas como se estivessem indo pescar Moby Dick, a baleia branca de Hermann Melville, carregando botes e geladeiras em seus caminhões, acampam com freqüência às margens da cachoeira e fazem uma troca com a natureza: esvaziam o rio de seus peixes e, no lugar

deles, deixam seus restos e detritos.

Na estrada de volta para Tabajara, tivemos outra oportunidade. Um dilúvio nos obrigou a refugiar-nos, por longo tempo, numa cabana às margens do Machado. Nosso motorista nos contou que ela não ficava longe de uma praia onde aparecem os botos cor-de-rosa. Sabe aqueles estranhos golfinhos de nariz comprido, que costumam aparecer em águas doces?



As margens do Rio Machado, generoso, volumoso.

Só que nós examinamos bem o lugar, através da chuvarada que estava despencando, e nada de golfinho cor-de-rosa.

"É que eles só gostam de mulher", explicou-nos um dos caboclos. Na semana anterior, ele tinha estado ali com os amigos e os golfinhos cor-de-rosa não deram as caras. Mas, aí, as mulheres vieram buscar seus maridos. E foi só elas chegarem que os botos apareceram de tudo quanto é canto, fazendo caretas, se fazendo de engraçados, chegando ao extremo do assédio sexual. Dizem que já houve uma porção de crimes passionais por causa desse amor descontrolado que os botos cor-de-rosa sentem pelas mulheres dos humanos - um mito, mais uma lenda, mas das mais bonitas.

A chuva parou, continuamos viagem no final da tarde. Faltava ainda um episódio só para que a nossa jornada florestal e fluvial fosse perfeita: um acidente. Foi só pensar nisso e pronto! O enorme caminhão patinava nas torrentes de lama que desciam pelos barrancos, o motor fazia um barulho de foguete espacial, e atravessar as torrentes furiosas por cima de pontes feitas com dois enormes troncos redondos, amarrados um no outro, mais parecia uma proeza de circo.

Para que pudéssemos apreciar melhor as circunstâncias do acidente, talvez para diminuir o peso que o caminhão carregava, ou então para evitar que nos machucássemos, nosso anfitrião pedia-nos que descêssemos antes de cada ponte. Foi assim que pudemos saborear a cena de uma ponta à outra. Vimos o veículo pesado escorregar, patinar, adernar, até que as duas rodas de trás conseguiram escapular dos troncos e ficaram girando no vazio, fazendo o barulho de quem está soltando um urro.

Foi aí o melhor pedaço. Cada ator assumiu seu papel. Poderíamos jurar que aquela cena tinha sido ensaiada mil vezes. Um foi pegar o macaco, o outro foi buscar troncos

de árvore na corrente do rio, um terceiro ficou fazendo tudo o que podia para se parecer com Harrison Ford e Kate Capshaw juntos, no "Indiana Jones". Confesso que eu, pessoalmente, não sabia exatamente o que fazer, por total falta de hábito ou, talvez, porque os outros já tivessem assumido todos os papéis disponíveis. Não tinha sobrado papel nenhum para mim. E, como o trabalho de recolocar o caminhão na ponte foi um pouquinho demorado, eu já estava começando a me aborrecer ligeiramente, quando um dos atores disse: "Cinco horas. Está na hora da malária!"

E todo mundo começou a se dar tapas para espantar os mosquitos. É claro que teria sido mais nobre e mais excitante se nos tivessem dito: "Está na hora das onças... ou das anacondas!" Mas não, só tínhamos mosquitos mesmo e, já que era assim, está bem, não íamos nos fazer de difíceis.

A tarde já tinha caído quando chegamos a Tabajara e ainda tínhamos duas ou três horas de estrada pela frente, pela floresta adentro, com a noite fechada, para voltar a Machadinho. As árvores, aqui e ali, crepitavam como se fossem pinheirinhos de Natal. Um belo dia, cheio de encontros, de amizades e que me permitiu levantar um cantinho do véu que tampa essa Amazônia tão hábil em se esconder, em esconder suas cobras, seus pássaros e até mesmo suas florestas, essa Amazônia que se mostra tão vertiginosa quando conseguimos, finalmente, esgueirar-nos para dentro de seus labirintos...

Capítulo 08 ▶



Uma rede de estradas e caminhos corta a Amazônia há uns 30 anos. Antes, a região estava isolada ou ligada apenas por linhas aéreas ou hidroviárias. A Belém-Brasília foi aberta em 1959, a Cuiabá-Porto Velho, em 1965. E, a partir de 1966, começou a Operação Amazônia, lançada pelos militares, que acelerou o ritmo de construção de estradas: em 1960, a Amazônia era uma região sem estradas; em 1988, já tinha 44.000 quilômetros delas.

Durante muito tempo, a polêmica opôs os que gostavam e os que não gostavam das estradas. Seus inimigos lamentavam a velha "civilização da água", lenta, pré-histórica, exótica, ecológica, romântica. Diziam que a Transamazônica tinha sido devorada, enquanto o diabo esfregava um olho, pelas árvores e a lama, o que não é verdade - ainda que, na estação das chuvas, longos trechos da estrada se transformem em lamaçais ou torrentes. "A civilização da estrada irrompeu com todo o barulho em meio à civilização do rio", dizia o ecologista Pierre Hanelin.

A essa condenação um pouco apressada das estradas, o ministro dos Transportes respondeu, em 1978, no dia em que inaugurou a Transamazônica, dizendo que a rodovia era "a passagem entre o Mar Vermelho e a Terra Prometida". A eloqüência desse ministro era um tanto grotesca. Mas não sejamos tão severos assim: lembremo-nos daqueles anos, ao mesmo tempo tão longínquos e tão próximos. Naqueles tempos, as pessoas não tinham mãos a medir nem quanto à ênfase, nem quanto à vaidade ou à estupidez. Não foi um outro general quem disse que a Transamazônica era a única obra de nosso século digna de rivalizar com os 3.500 quilômetros da Muralha da China?

Mas não vamos decidir qual dos dois campos está com a razão. Tanto um quanto outro são exagerados e, portanto, frívolos. Além disso, temos de nos lembrar que, entre essas duas civilizações - a do rio e a da estrada - uma outra tentou penetrar na Amazônia, por um breve espaço de tempo, no início de 1900: a da estrada de ferro. Vi alguns vestígios dela: primeiro no Pará, no oeste de Belém; depois em Rondônia, entre Porto Velho e a Bolívia.

Esses dois desafios ferroviários da engenharia humana, da

engenharia brasileira - ainda que não exijam tanta energia quanto a de Moisés abrindo o Mar Vermelho, ou a dos arquitetos chineses erigindo a muralha sob a batuta do imperador Li Shi Huang-di, no século 3 a.C. -, não deixavam de ser audaciosos. Mas eles tiveram destinos diferentes: no Pará, foi um sucesso; em Rondônia, uma calamidade.

A Província do Pará empreendeu, a partir de 1875, a colonização de Benevides, com franceses, belgas, portugueses. Malária e febres botaram esses europeus para correr. Anos mais tarde, a seca assolou o Nordeste e trouxe para o Pará um contingente de 800 sólidos nordestinos. Começa aí uma exploração mais eficiente.

Um rosário de povoados agrícolas vai se formando: Castanhal, Capanema, Igarapé Açu, Salinópolis e, às portas de Belém, Ananindeua e Prosperidade. O Pará é um dos Estados mais ricos do Brasil, basta assegurar o escoamento dos produtos. Foi aí que construíram a estrada de ferro de Bragança. Não foi coisa fácil, nessa região de grandes florestas. Os 220 quilômetros de estrada terminaram em 1908. Um pouco mais tarde, começou o declínio da borracha e a região entrou em parafuso. Mesmo assim, os primeiros colonos e o trem tinham feito a modernidade penetrar no norte do Pará. Infra-estrutura, "know-how", estava tudo lá, prontinho para recomeçar a marcha quando a crise fosse superada.

Hoje, o mapa-múndi atesta: todo o leste de Belém, entre o Rio Tocantins e a longa fachada marítima que corre de São Caetano das Ovelhas em direção ao sul, está quase virgem desse verde que colore todo o resto do mapa-múndi amazônico. O que não significa que as árvores tenham desaparecido: longe disso. A madeira do Pará ainda alimenta muitas serrarias, mas não sufoca a totalidade das terras com sua massa. Todo o mapa de Bragantina está crivado de nomes de cidades. Atividades humanas pululam naquela região. O trem, para isso, foi uma riqueza.

Dois mil quilômetros a oeste de Bragantina, há uma outra estrada de ferro, de 360 quilômetros: a Madeira-Mamoré, que ligava Porto Velho à Bolívia. Esse trem trazia também nomes menos pacíficos: "Maria Fumaça", "Maria Doida", "Ferrovia do Diabo", "A Estrada dos Trilhos de Ouro".

A construção levou 40 anos, de 1872 a 1912 (a da catedral de Notre-Dame de Paris durou um século; e a das pirâmides, quanto?). Ela funcionou durante 60 anos, mais ou menos e, depois, em 1972, o general Queirós,

comandante do 2¼ Agrupamento de Engenharia de Construção, constatou que esse trem já não estava fazendo mais nada e condenou-o à morte. Em 10 de julho de 1972, dia da última viagem pela Madeira-Mamoré, a cidade inteira de Porto Velho chorou. Naquele dia, os lavradores, os lenhadores souberam que nunca mais ouviriam o trágico apito das locomotivas na penumbra da mata.

E, no entanto, quase dez anos mais tarde, em 1981, esse trem mítico foi ressuscitado: um trecho de oito quilômetros, entre Porto Velho e Santo Antônio, começou de novo a ser explorado. Andei por esses oito quilômetros. Não servem para nada. É uma coisa maluca, uma bobagem. Parecem ter se extraviado, por engano, dentro da floresta interminável. Ligam nada a coisa nenhuma. Estão lá e pronto. No entanto, esse trem inútil, esse trem extravagante, é um dos mais bonitos do mundo. É que, nesses oito quilômetros, está escrita uma das mais cruéis aventuras industriais deste século.

Vou me lembrar por muito tempo daquela manhã de agosto de 1997, quando chegamos à estação de Porto Velho (estação surrealista, espantosamente majestosa, superdimensionada para um trenzinho tão mixuruca). Subimos num vagão que parecia uma lembrança do passado. Era como se, por pura distração, tivéssemos aberto uma porta escondida que dava para tempos cancelados, para a poeira dos tempos, para tempos que o próprio tempo levaria embora.

Uma locomotiva velha, cansada mas resoluta, sacudiu-se e saiu gemendo, e vimos desfilar, na vidraça de nossas janelas, casinhas mancadas, depois o Rio Madeira e a floresta. O chiado da locomotiva, os vagões patinando, os silvos lamentosos do apito davam-nos a sensação de estarmos em plena epopéia. Era como se, numa alucinação, fôssemos novos conquistadores, novos bandeirantes. Lá íamos nós abrir nova trilha na imensidão da floresta, submeter o "Inferno Verde" à nossa vontade. Só que a epopéia acabou de repente, ao fim de oito quilômetros. A locomotiva parou, soltando um profundo suspiro de alívio. O silêncio caiu por cima de nós como uma mortalha. Tínhamos chegado ao final dos trilhos, ao fim da linha. Terminus. "Santo Antônio", dizia a placa.

Num promontório, ergue-se a capela de Santo Antônio de



Antigo vagão da Maria Fumaça que percorria a ferrovia Madeira-Mamoré, caminho abandonado.

Pádua. Naquela manhã, D. Úrsula, professora no colégio D. Bosco, de Porto Velho, estava levando a sua turma para visitar a capela. Era a minha chance. De joelhos num banco da igreja, fingindo que estava rezando, fiquei prestando atenção na aula de História que ela estava dando a seus alunos. Era uma aula inteligente e o tema, precisamente, era a Maria Fumaça.

Os alunos não estavam lá muito atentos, principalmente as meninas, que ficavam dando risadinhas, sussurrando nos ouvidos umas das outras, olhando para os garotos. Lembrei-me então que Santo Antônio de Pádua é padroeiro dos casamentos. Coitado dele! Que condição mais desconfortável: vive levando bronca das moças. No mundo inteiro, as moças o trancam dentro do armário e só o soltam depois que ele lhes arranja um noivo ou um namorado!

Quanto a mim, o meu problema não era esse. Obcecado que eu estava, aquela manhã, com o trem perdido, com a Maria Fumaça, eu pensava, dentro daquela capela de afrescos ingênuos, numa outra especialidade de Santo Antônio de Pádua: o dom de encontrar objetos sumidos. Eu ficava recitando, em silêncio, os versos que a gente cantarolava na França, quando eu era criança:

"Saint-Antoine de Padoue,
grand coquin, grand filou,
rendez-nous
ce qui n'est pas à vous."

(Santo Antônio de Pádua, / grande safado, malandrão, / devolva-nos / o que não te pertence.)

E já que eu tinha esse santo



E já que eu tinha esse santo ladrãozinho à mão, decidi pô-lo à prova. Exigi que ele me devolvesse aquele trem Madeira-Mamoré que a floresta tinha engolido. Santo Antônio até que fez um esforço, sim. Fez um milagre. Na verdade, um meio-milagre, o que já não é mau. É claro que não estava em seu poder fazer emergir aquele trem abolido do fundo do nada em que mergulhara, mas devolveu-me pedaços, farrapos, vestígios dele. É verdade que com a prestimosa assistência de D. Úrsula.

Linha do trem que tinha importância fundamental no escoamento da produção da região e hoje é apenas um fantasma em meio à vegetação.

Ela tem um daqueles bonitos rostos muito marcados, que fazem pensar nos filmes americanos sobre a Guerra da Secessão. É de origem inglesa, pois seu pai era um dos milhares de operários de Barbados que vieram participar da construção do "trem do diabo". Para dizer a verdade, o pessoal do Caribe só foi contratado na fase final do trabalho. Os engenheiros foram procurá-los, em desespero de causa, quando a obra já estava quase no fim, para substituir os milhares de cadáveres que a estrada de ferro já tinha semeado pela mata afora.

Tudo começou em 1872. Naquela época, o Acre ainda pertencia à Bolívia (e só voltou para as mãos do Brasil cerca de 30 anos depois, em 1904, quando, ao fim de uma guerrinha de cem dias, foi assinado o Tratado de Petrópolis, nos termos do qual o governo brasileiro pagou 110 mil libras de indenização ao Bolivian Syndicate e 2 milhões de libras ao governo boliviano, para recuperar o território).

Em 1872, portanto, os ingleses metem na cabeça que vão desencravar o Acre da Bolívia. Estamos no início do ciclo da borracha. Barra, antigo fortim construído pelos portugueses para vigiar os espanhóis, é promovido a capital da província em 1850, com o nome de Manaus. Começa a idade de ouro. A Madeira-Mamoré vai permitir que se escoe para o Amazonas e, depois, para a Europa e os Estados Unidos, as enormes reservas de borracha do Acre e de Madre de Diós.

Portanto, é em 1872 - explica D. Úrsula às suas alunas (que continuam fazendo caretas para o pobre do Santo Antônio) - que os engenheiros ingleses desembarcam em Porto Velho. É uma chacina. Em um ano e quatro meses, a floresta devorou quase todos eles e seus operários, mortos de malária, febre amarela, tifo, beribéri e disenteria. E as flechas dos índios caripunas dão cabo dos que escapam.

Os grandes capitães de indústria europeus começam a se convencer de que a Amazônia é um grande tesouro, sim, mas bem guardado pelos deuses inexoráveis da morte, da vingança, da malária. Talvez também por deuses índios. Ou por divindades apaixonadas pelo ecossistema e que ficam furiosas quando os homens saqueiam as árvores.

Mas os empresários da City e seus cúmplices bolivianos, brasileiros e americanos são insaciáveis e estão fascinados com a exploração da borracha. Manaus e Belém estão escrevendo a lenda do mundo. As caixas registradoras das "casas aviadoras" tilintam como metralhadoras. Os financistas europeus sonham com a floresta amazônica da mesma forma que uma mulher bonita sonha com diamantes, esmeraldas ou rubis. Como resistir à tentação? Em 1907, a obra é reiniciada.

Pela segunda vez, a região de Porto Velho desperta: dos quatro cantos do mundo, pés-de-chinelo, vagabundos, andrajosos, desempregados, todos correm para o Éden, americanos, chineses, alemães, russos, indianos, cada um querendo sua parte. Para a Madeira-Mamoré vêm carvão do país de Gales, aço de Pittsburgh e até mesmo madeira pois, estranhamente, só os eucaliptos australianos serviam para fazer os dormentes. Apesar de toda essa energia, a floresta continua a ser o que já era em 1872: uma assassina.

Aos milhares, os corpos juncam a mata. Dez mil, vinte mil mortos? Tantos cadáveres quanto os dormentes colocados nos 360 quilômetros da linha, diziam na época. De todas as estradas de ferro construídas no mundo, a da Maria Fumaça foi a que mais vidas humanas custou por dormente. A hecatombe foi de tal tamanho que se tornou necessário recrutar, sem parar, outros condenados, da mesma forma que é preciso, numa guerra, fazer vir da retaguarda novas tropas para tomar o lugar das que já viraram carniça. Uma parte desses mortos está amontoada no cemitério da Candelária, a cinco quilômetros da linha.

Mas você sabe como é a mentalidade dos empresários: eles odeiam que seus operários morram com essa freqüência. Por isso, abrem, às margens do Rio Madre de Diós, um acampamento onde prendem 600 índios, que são oferecidos a quem quer que os queira para assegurar a reprodução. Lendazinha sórdida? Pode ser. Mas, de qualquer maneira, o tempo urge: é por isso que importam negros do Caribe. Sempre houve a tradição de substituir trabalhadores fracos ou reticentes por sólidos africanos. Trazem navios

inteiros de caribenhos e é nessa época que o pai de D. Úrsula chega a Porto Velho, onde organiza o primeiro serviço de bombeiros.

Graças a esses reforços, pode-se terminar a linha, inaugurada em 1912. De Porto Velho a Guajará-Mirim, o trem cobre 360 quilômetros em 36 horas com 120 toneladas de carga. Bem está o que bem acaba. Os milhares de cadáveres não foram inúteis. Os empresários vão, finalmente, poder embolsar os maravilhosos dividendos de tantos sacrifícios. Só que, quem pensou assim, não contou com a inglesada. Os mesmos ingleses que conceberam a Maria Fumaça ajudaram a demoli-la. As sementes de hévea surrupiadas pelo inglês das orquídeas, lá em Santarém, e mandadas para a Malásia, começam a dar frutos. Os seringais amazonenses não têm condições de lutar com as plantações gigantescas dos ingleses na Malásia.

Desse ponto em diante, o "trem do diabo" estava com os seus dias contados. Só lhe restava figurar no Livro dos Recordes como um dos grandes desastres industriais. Os ingleses o abandonam em 1931. O Brasil o nacionaliza, sim, mas o que fazer com aquilo? Durante uns 40 anos, ele fica vegetando. Até que, em 1972, o general Queirós nota aquele troço lá no meio da selva. Dá até para imaginar o diálogo:

"Mas o que é aquilo?"

"É um trem, general."

"Mas o que é que aquele trem está fazendo ali?"

"Nada, general."

"Então, manda esse troço pelos ares!"

Execução sumária! O trem é desmontado, a locomotiva mandada para o ferro velho, os trilhos arrancados. Silêncio na floresta. Nove anos de silêncio pois, felizmente, em 1981, o general Queirós é desautorizado por um outro general, que manda reanimar aquele pedaço de oito quilômetros, de Porto Velho a Santo Antônio, no qual acabo de andar.

Entenderam, agora, porque essa breve viagem na Maria Fumaça é tão comovente? Mais comovente do que a viagem naquele trenzinho bonitinho da Disneyland, em Paris. E eu chegaria até a dizer que a Maria Fumaça é mil vezes mais luxuosa do que o Orient Express, entre Veneza e Constantinopla.

Na verdade, não é no espaço, mas no tempo, na memória poeirenta da Amazônia, que os vagões vão nos

chacoalhando. Entre Porto Velho e Santo Antônio, você finge que está atravessando oito quilômetros mas, na realidade, está percorrendo meio século. Tudo conspira para nos transportar 50, 60 anos para trás: os galpões demasiado vastos da estação, o cheiro dos vagões de madeira, o odor acre da fumaça de lenha, o ruído ofegante da locomotiva, o som melancólico da sineta anunciando a partida.

Ao longo da estrada, você avista esculturas geniais. Se as expusessem no MoMa, o Museu de Arte Moderna de Nova York, no Centre Beaubourg ou no British Museum, elas atrairiam multidões. Magritte, Chirico, Giacometti, até mesmo Picasso jamais imaginaram algo tão esplendoroso. Essas locomotivas, "vítimas não se sabe de que obscuro desastre", como dizia o poeta, essas máquinas caídas de lado qual cavalos agonizantes, nas quais vieram aninhar-se cipós, árvores, colônias inteiras de pássaros e formigas, ninhos de cobras, o odor de coisa putrefata e nuvens de insetos e micróbios, formam um espetáculo do vanguardismo mais extremado pois, à sua maneira, permitem-nos entrever, neste confim de floresta, o que acontecerá com as mais orgulhosas construções do ser humano alguns anos depois do fim do mundo.

Devo, aqui, render homenagem a Santo Antônio de Pádua. Ele que, de hábito, tem ar tão emburrado, mostrou-se compreensivo comigo. Atendeu ao meu pedido. A uma parte de meu pedido, pelo menos. É claro que não me trouxe de volta o tesouro perdido, o trem louco, o trem engolido pela natureza feroz, cega, indiferente. Mas me deixou contemplar uma parte desse tesouro: um cemitério, os urros do apito em meio aos altos troncos, locomotivas jogadas fora do mesmo jeito que jogamos nossos sacos de plástico na lata de lixo.

Volta a Porto Velho, onde D. Úrsula nos mostra, a nós e às suas distraídas alunas, um pequeno museu montado num dos galpões da estação: velhas fotos dos operários ou dos engenheiros, material de acampamento, locomotivas derreadas, lanternas, todo o badulaque da epopéia e de seu desastre.

Na cidade de Porto Velho subsistem outros vestígios: diante de algumas casas, sinos, apitos, lanternas de guarda de estação, grampos para fixar os trilhos, restos de locomotivas, pedaços soltos de trilhos - pobres objetos desemparelhados, semelhantes aos destroços que, depois de algum tempo de um naufrágio, começam a voltar à superfície do mar, quando o oceano quer que os homens

vejam as provas de sua violência e de sua cólera.

Assim também é a irredutível floresta: os homens a atacaram e derrotaram. Abandonaram, no campo de batalha, sepulturas, sofrimentos, ferramentas quebradas e enferrujadas. Cadáveres. E a lembrança de seu heroísmo.

Capítulo 09 ▶



Capítulo

09

Tomé-Açu, ao sul de Belém, na margem do Rio Acará-Mirim, não é muito bonitinha mas é bem ativa. Espalha-se ao longo da estrada e compõe-se de dois povoados: no primeiro, há umas 40 serrarias de pequeno porte, metade das quais em mau estado, o que vai criar um sério problema, um dia ou outro, pois 95% da mão-de-obra é de origem local. Mais adiante, começa uma zona de dominação japonesa.



A extração de madeira é uma das principais atividades econômicas de Tomé-açu.

Consegui desencavar um quarto para passar a noite e fiquei contentíssimo, pois o parque hoteleiro de Tomé-Açu é tão restrito quanto rudimentar. O banheiro era indescritível mas, como um cartaz na entrada já havia me advertido - "Aqui trabalha a minha família, para atender à sua família. Por isso, exijo respeito." - eu disse: "Então, tá bom!" E como eu respeito sempre a família dos hoteleiros, principalmente os de Tomé-Açu, preferi não falar nada sobre o problema do chuveiro.

Os japoneses chegaram a Tomé-Açu em 1929, depois de um acordo feito entre os governos do Japão e do Pará: 43 famílias, num total de 139 pessoas. Vocês podem achar surpreendentes todos esses detalhes, mas sabem como são os japoneses: do ábaco ao computador, sempre foram muito bons em contas. O sonho deles era plantar arroz e cacau.

Os primeiros meses foram uma decepção. O clima acabava com os colonos. A malária, como em todos os outros lugares, fez suas vítimas. Houve brigas. Mudaram de estratégia. Pensaram em plantar verduras, mas os brasileiros não eram muito de comer salada naquela época. Os japoneses tinham de começar, portanto, mudando os hábitos alimentares dos brasileiros - o que é um programa e tanto!



O corpo dos colonos é marcado pelo contato direto com o solo seco e impiedoso da Amazônia.

Foi a pimenta-do-reino que salvou a colônia. Não havia

pimenta-do-reino no Brasil. Mas o Extremo Oriente, que a produz, defendia o seu tesouro com unhas e dentes, proibindo que as sementes fossem exportadas. Por que artes mágicas, então, a pimenta-do-reino consegue salvar a colônia? Foi tudo graças a uma senhora bem idosa.

Em 1931, um grupo de japoneses de Tomé-Açu foi passar uns dias em seu país natal. Na volta, quando o barco estava passando por Cingapura, essa velhinha morreu. Excepcionalmente, o navio saiu de sua rota e fez uma escala de três dias em Cingapura para que o corpo pudesse ser cremado. Três viajantes, entre eles o chefe do grupo, receberam a autorização de descer à terra firme para providenciar a cerimônia fúnebre.

Depois que a velhinha foi se juntar a seus ancestrais lá no céu, os três japoneses resolveram fazer um passeiozinho pela cidade e foram fuçar o mercado. Lá, descobriram um homem que vendia mudas de pimenta-do-reino. Arregalaram os olhos e compraram logo cinco mudas que, ao cabo de mil tramóias e artimanhas, conseguiram introduzir, sob o nariz dos marinheiros, no porão do navio, que retomou a viagem para o Brasil.

Durante toda a travessia, ficaram cuidando de seus vasos com todo carinho. O mais perigoso era regar as plantas sem despertar a desconfiança da tripulação. Era um jogo de esconde-esconde, de gato e rato. Mas não foi em vão. Os japoneses tomavam conta de seus vasos de plantas com todo amor, como fariam se dependesse deles a sobrevivência de um passageiro clandestino. É que eles pressentiam, obscuramente, que o destino de sua colônia de Tomé-Açu, tão atormentada, tão ameaçada, dependia daquelas mudinhas. Se eles não pusessem água suficiente em seus vasilhinhos, toda a colônia japonesa do Pará iria para o beleléu!

Quantas mudas chegaram intactas? Os exegetas divergem. Duas escolas se opõem: a primeira diz que três mudas chegaram a ser plantadas em Tomé-Açu; a outra afirma que só duas chegaram vivas ao Estado do Pará. Como vocês podem ver, este fato, como todos os grandes acontecimentos da História, tampouco está isento de incertezas e ambigüidades. Da mesma maneira, ninguém jamais soube - e ninguém jamais saberá - o nome do humilde feirante cingapuriano que virou pelo avesso a economia do Pará ao oferecer as mudas de pimenta-do-reino a esses insólitos turistas. É verdade que esse pobre homem nunca chegou a saber o quanto favoreceu uma mutação econômica no Brasil. E a velhinha, menos ainda.

Mas o essencial não está nessas polêmicas entre os historiadores da pimenta-do-reino. O essencial é que essas poucas mudas, que saíram do Extremo Oriente graças à morte providencial de uma velhinha, geraram no Brasil milhões de plantas. Em 1955, a prosperidade era tão grande que Tomé-Açu chamou novos imigrantes. A produção era de 5.000 toneladas por ano e boa parte era exportada. Mas, na década de 60, apareceu o fusário (*Fusarius solani*), um danado de um cogumelo que ataca as raízes da pimenta, e as plantações foram massacradas.

A violência da praga era espantosa. Um engenheiro agrícola me explicou: todas as pimenteiras da região (e do Pará) derivavam de uma mesma fonte, as duas (ou talvez três) mudas compradas no mercado de Cingapura. Ou seja, os milhões de plantas que tinham proliferado no Brasil tinham todos os mesmos pais. Milhões de gêmeos. Milhões de clones. Mesmo material genético e mesma fragilidade: se uma planta era atingida, todas as outras iam atrás dela.

Mas não é à toa que, no meu país, a gente diz: "À quelque chose malheur est bon!" (A infelicidade sempre serve para alguma coisa). O fusário provocou duas reações. A primeira refere-se à pimenta: os pesquisadores agrícolas selecionaram, criaram novas mudas, modificaram as plantas e obtiveram tipos diversificados, resistentes ao cogumelo. Depois de uns 20 anos de pesquisa, essas novas espécies foram desenvolvidas e Tomé-Açu vai de novo em frente. Em 1997, o preço mundial da pimenta estava muito elevado - entre US\$ 4.000 e US\$ 6.000 a tonelada - e a cultura estava em plena expansão.

Segunda reação: depois do alerta inicial, áreas antes dedicadas à plantação de pimenta foram abandonadas. Uma vez adubados e regenerados, esses solos receberam outras culturas: maracujá, melão, mamão, cacau, seringueiras. Ou foram utilizados para pastagens. Mas os mercados não são ilimitados. A colônia japonesa, que manifesta, uma vez mais, uma notável capacidade de adaptação, está lançando uma nova operação: está começando a montar uma pequena agroindústria.

Moral da história: a praga do fusário pode ter arruinado algumas pessoas mas, ao mesmo tempo, salvou a agricultura da região, obrigando os homens a encontrar uma solução para uma das debilidades estruturais do velho Brasil, a monocultura. O fusário provocou duas felizes revoluções: a multiplicação das variedades de pimenta-do-reino e a

diversificação das culturas.

A aventura da pimenta nipo-brasileira é muito bonita, mas nada tem de excepcional. Toda a história humana é pontuada pela peregrinação das plantas, das árvores e dos animais, de um país para outro, de um continente para o outro. Em 31 de março de 1789, um barco inglês, o "Bounty", sai do Taiti, no Pacífico, com a missão de transportar 1005 mudas de "uru", a fruta-pão, que se quer aclimatar na Jamaica, no Caribe. Bem embaladas em seus cestinhos protetores, as frutas-pão estão acomodadas no porão do "Bounty". Ao longo da viagem, o navio cai no meio de uma calmaria. As reservas de água começam a secar, pois 1005 mudas de plantas bebem um enorme aguaceiro.

O capitão Bligh, marinheiro antipático, disciplinado, fanático, raciona a água de seus marujos. Seu imediato, o tenente Christian Fletcher, é um humanista. Hoje em dia, ele pertenceria a uma ONG. Defende os marinheiros, dizendo que, afinal de contas, a sobrevivência deles é mais importante do que a dos "urus". Mas Bligh é implacável. Para ele, só existem as instruções de Londres. Por ele, os marinheiros podem morrer de sede. Isso não tem a menor importância, desde que as frutas-pão sejam regadas e cheguem vivas à Jamaica.

O que aconteceu, já sabe todo mundo que assistiu ao filme sobre o motim do "Bounty", com Marlon Brando fazendo o papel do tenente Fletcher. Em 28 de abril de 1789, estoura o motim dos marinheiros mortos de sede. À frente dos revoltosos, Fletcher assume o comando do navio. O capitão Bligh é atirado num bote, com os homens que lhe ficaram fiéis, e permanece à deriva durante 5.000 quilômetros, até atingir o Timor. Os atuais habitantes da Ilha de Pitcairn são os descendentes dos amotinados do "Bounty", que ali foram parar.

A pimenta-do-reino de Tomé-Açu e do Pará é menos célebre, menos nobre e menos trágica do que os "urus" do capitão Bligh. Hollywood nunca se interessou por ela. E, no entanto, ela faz parte da guerra, ao longo dos séculos, entre um povo e outro, entre um continente e outro, para apoderar-se das plantas e árvores preciosas, verdadeiros "segredos de Estado".

Desde a sua primeira viagem, Cristóvão Colombo traz da América mudas de milho que serão aclimatadas à Europa. Os chineses trancam a sete chaves o segredo da pasta de papel até que, no século 8, os árabes conseguem roubá-lo

de uma caravana na Ásia Central. Depois de alguns séculos, Gutenberg poderá inventar a imprensa. Os mesmos chineses protegem o bicho-da-seda. Cortam o pescoço de qualquer um que tente sair do Império com uma daquelas larvas. Com isso, por muitos séculos, a seda permaneceu um monopólio chinês.

Bem mais tarde, um monge bizantino vai visitar a China. É muito velho, manca bastante e se apóia numa grande bengala. Mas é um trapaceiro, esse monge: a bengala é oca e ele a enche de ovos de bicho-da-seda que, manquitolando, leva para o Ocidente. Esse monge trambiqueiro é um gênio civilizador. A seda arromba as portas da Europa. Invade o Ocidente e acaricia o corpo de suas mulheres.

Nesse fantástico jogo de rouba aqui, rouba acolá, o Brasil está sempre presente, ou porque surrupia os segredos dos outros, ou porque os outros passam a mão nos dele. Para que o chá pudesse se expandir, na década de 30, no sul do Brasil, foi preciso que japoneses fossem buscar as mudas no Japão. E já cruzamos com aquele inglês que se instalou em Santarém, em 1876, e que bancava o colecionador de orquídeas para recolher sementes de hévea e levá-las para a Malásia, o que, a partir de 1912, demoliu a soberba economia amazonense e arruinou Manaus, onde as "femmes galantes" de Paris vêm se espojar em lençóis bordados a fios de ouro.

E o café? E a chegada do café ao Brasil? Dá para separar a realidade da lenda? Tantos rumores, tantos boatos cercam esse episódio, que até hoje, não consegui desenrolar esse carretel. Originário de Aden ou da Etiópia, o café dá a volta ao mundo e chega à América pela Guiana Francesa, em 1727. Litígios de fronteira opõem, nessa época, franceses e portugueses. O governador do Maranhão envia o major Francisco do Melo Palheta à Guiana, para desenhar, juntamente com o senhor D'Orvilliers, governador francês da colônia, as fronteiras do Amapá.

Parece que esse major brasileiro era um homem encantador. Era essa, pelo menos, a opinião de Madame d'Orvilliers, que lhe dá de presente algumas mudas de café. Palheta embolsa o presente mais do que depressa. Houve algum delírio amoroso aí nesse meio? Não tenho documentos para comprová-lo, mas gosto de pensar que sim. A troca de um corpo bonito por alguns grãos sublimes acrescentaria um tempero delicioso a essa infusão de aroma quase divino que é o café.

No Pará, o café se desenvolve rápido e, depois, avança depressa em direção ao sul, esgotando as terras. Em 1761, já está no Rio. Levou 34 anos para ir do Pará ao Rio. Dali, cada vez mais rápido, vai em frente, atinge São Paulo e, depois, o Paraná. Hoje, é curioso constatar que, nas zonas agrícolas que estão sendo abertas na Amazônia, está voltando o café que Palheta surrupiou na Guiana. Não sob a sua forma mais refinada, é verdade. Quanto a esse, a Bélgica, com o seu tipo robusta, ainda é imbatível. A um preço muito alto, porém. Vamos dizer a verdade, o que ela fez com o pobre do Congo, para desenvolver o robusta em suas terras, não foi um grande serviço prestado à humanidade. Por esse pecado, a Bélgica deverá expiar muitos anos no purgatório.

Temo ter-me afastado demais da pimenta-do-reino. É que as noites são longas, lá em Tomé-Açu. E aquela noite, em especial, depois de ter passado o dia com os japoneses, e sem poder tomar um banho de chuveiro, lá estava eu, de pé, encostado numa casinha de madeira, a dois passos do tajá, plantinha tão desagradável que acabou ganhando o apelido de "comigo-ninguém-pode". Espiava, com olhar entediado e crepuscular, para a rua empoeirada, a banca de jornais cheia de fotos de mulheres nuas e desbotadas, a fachada do Banco América do Sul, diante da qual um homem tão entediado quanto eu, e mais crepuscular ainda, revolvía, com gestos de uma lentidão de tartaruga, um montículo de sementes de cacau, na esperança talvez de fazê-las secar.

A pimenta-do-reino, o café, o milho, a seda, o papel dançavam em minha cabeça uma ciranda endiabrada. Eu via desenhar-se, sob os movimentos de população que tecem a aventura da humanidade, sob as grandes invasões, a peregrinação dos nômades, as guerras e as remoções de fronteiras, outras migrações, bem mais secretas e fascinantes do que a dos povos: a viagem dos legumes e das frutas, dos animais e pássaros que passaram da Europa para a América, do Brasil para a Malásia, da Ásia para a África, da Oceania para a Jamaica, multiplicando as cores e fragrâncias, as riquezas e seduções da terra. Nessa epopéia das plantas, a pimenta-do-reino ocupa o seu lugar e já não é sem tempo reabilitá-la. Fala-se sempre do capitão Bligh e do tenente Fletcher. Por que não celebrar, da mesma maneira, aquela velhinha nipo-brasileira que morreu para que a pimenta-do-reino viva no Brasil?

São intermináveis as noites, nessas cidadezinhas da

Amazônia. O sol cai como a lâmina da guilhotina, sem preâmbulo e, aí vem a sombra, vem o luto. Nas ruas cinzentas, cheias de fantasmas, começa a luta contra o tédio. No melhor dos casos - Bragantina, por exemplo - ainda há, por algum tempo, um brilho magrinho, dá para ir a um restaurante, a um bar. Mas nas cidades pequenas, recém-instaladas, ainda não existe infra-estrutura nenhuma de lazer, de reunião, de simples distração.

Em Bragantina - em Castanhal, é claro, mas até mesmo em Capitão Poço, Tomé-Açu, Capanema ou Igarapé-Açu - o povoamento é mais antigo. Há um século, há meio século, formaram-se as solidariedades entre bairros, as afinidades profissionais, as cadeias familiares que ajudam a suportar o isolamento.

Mas nas cidades novas, que estão eclodindo em Rondônia, no Mato Grosso ou em outros Estados, o povoamento é recente, disparatado, composto de homens e mulheres geralmente vindos de muito longe. Suas culturas são dessemelhantes, eles estão desenraizados, longe de suas famílias. Os habitantes de uma mesma cidade nem sequer conhecem muito bem uns aos outros.

À noite, ficam entregues ao cansaço e ao abandono. Perambulam, pelas ruas sem alegria, à espera de que o tempo se gaste. É em parte o que explica a facilidade com que as seitas atraem fiéis: elas são as únicas estruturas que podem ouvir a palavra dos outros, que podem estabelecer cumplicidades.

Há a televisão, sim. O número de antenas parabólicas com que a cidade está atulhada não me deixa mentir. E como não se alegrar com isso? Muitas vezes, a telinha é a única forma de contato que os colonos têm com o resto do mundo. Mas, nestes lugares afastados de tudo, esse intercâmbio assume significados especiais e, às vezes, deletérios. Padres, pastores disseram-me como isso os inquieta. Qual é, na verdade, a imagem do mundo que a televisão derrama na casinha dos colonos?

Imaginemos uma mulher que passou o dia inteiro na lida, cuidando da casa, das crianças, da comida, ajudando na colheita. É pobre, mal vestida, não raro só tem trapos. Suas mãos estão calejadas, seu rosto é acinzentado, extenuado. À noite, enquanto faz o jantar, com a criança em volta, liga a televisão. E aí entram pelo casebre adentro as imagens iluminadas dos Champs Élysées ou da avenida Paulista. Na areia dourada da praia, seja ela a de Malibu ou de Saint-Tropez, moças belíssimas se

espojam, tendo em torno delas um monte de James Deans ou de Paul Newmans.

A televisão corta em dois o universo dos colonos pobres da Amazônia. É um universo literalmente esquizofrênico, dividido. De um lado, um mundo tão lindo, fácil e alegre que chega a se tornar imaginário, irreal ou, como se diz hoje em dia, virtual. Do outro, um universo pesado, ingrato, o das mãos dentro da lama ou da lata de lixo, mundo verdadeiro, sim, mas doente, ferido, sem brilho.

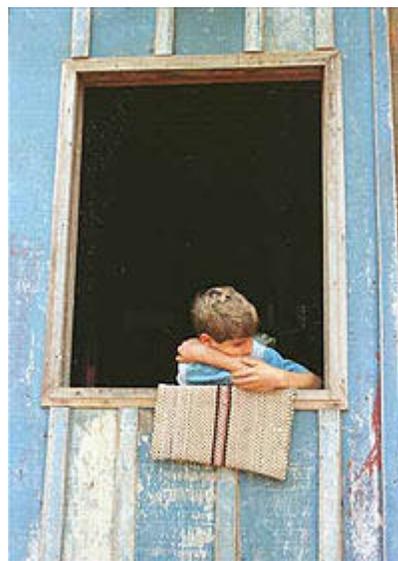
É claro que, por toda parte, e em todos os tempos, os pobres sempre viveram com o nariz enfiado no pó enquanto os ricos viviam num sonho. Mas, outrora, a televisão não esfregava as imagens da felicidade e do dolce far niente, sadicamente, noite após noite, no nariz do pobre. Esse contato entre duas sociedades, tão diferentes uma da outra quanto duas estrelas, é uma das grandes mutações de nosso tempo.

Na televisão, as pessoas não trabalham, são risonhas, limpinhas, sedutoras, esportistas, sempre tranqüilas. Todas as mulheres têm a pele macia e, se passam por alguma dificuldade, vão correndo para um psicanalista formidável que as conserta num piscar de olhos. Se o nariz delas é comprido demais, vão a um cirurgião plástico que o bota do tamanho que elas quiserem. Todos os homens são belos como estátuas gregas, jogam golfe o tempo todo e basta-lhes dar uma piscadinha para que as mais encantadoras mulheres lhes caiam nos braços.

A vida, na televisão, parece ter saído da história da Cinderela, do Gato de Botas, do Chapeuzinho Vermelho. Basta possuir uma varinha mágica para que se realize o que a gente deseja: ouro, prata, juventude eterna, amor. Mas as mulheres da Amazônia não têm varinha de condão e, se a tivessem, talvez nem soubessem como usá-la. Excluídas da festa, jogadas para o escanteio da felicidade, sentem-se abandonadas, às vezes amaldiçoadas. Nunca terão o direito de se sentar à mesa do banquete.

Vocês vão me dizer que a Amazônia

Vocês vão me dizer que a Amazônia tem coisas mais importantes a fazer do que perder tempo com essas frivolidades e que não dá para resolver todos os problemas ao mesmo tempo: foi preciso desenhar as ruas, construir as casas, distribuir os lotes de terra, garantir a logística, prever a assistência técnica, organizar o abastecimento, criar centros de saúde. Será que teríamos de cuidar também da felicidade dos colonos? "Dá um tempo", dizem os organizadores. Primeiro, criamos o indispensável. Amanhã, trataremos do supérfluo.

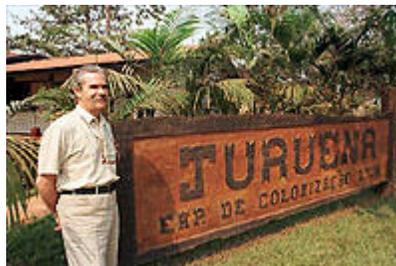


Vida de colono: simplicidade, calma, solidão.

É verdade. Mas onde é que o indispensável termina? E onde começa o supérfluo? Os homens não vivem só de pão, mas também de lazer, de distração e, por que não, de prazer.



João Carlos Meirelles exerce uma profissão curiosa. Fabrica cidades. Compra um pedaço de floresta no Pará, no Mato Grosso, perto de Carajás, talvez no Acre e, depois de ter estudado o solo, a química, as chuvas, o regime dos rios, as estradas, desenha uma cidade. João Meirelles é como Rômulo, aquele cara que, em 753 a.C., pegou um arado, no Monte Palatino, e traçou um sulco delimitando o perímetro de uma cidade que haveria de se chamar Roma e, mais tarde, daria o que falar.



João Carlos Meirelles, o "fabricante de cidade" diante do marco de sua criação, a cidade de Juruena.

Em seguida, João vem com os seus especialistas em geodésia, obras públicas, eletricidade, mecânica, e instala infra-estrutura, estradas, ruas, hotéis, escolas, hospitais. Foi assim que João Meirelles criou, no Mato Grosso, duas cidades novas: Juruena e Cotriguaçu.

Pode-se comparar Machadinho do Oeste, em Rondônia, e Juruena, no Mato Grosso? Nos dois casos, o objetivo é o mesmo: expandir a fronteira, civilizar uma terra selvagem, garantir a prosperidade. Mas os métodos de Machadinho e Juruena são opostos. Machadinho foi uma iniciativa pública, os lotes foram "dados" a camponeses pobres. Em Juruena e Cotriguaçu, pelo contrário, os terrenos foram comprados por uma empresa privada, a Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso (Codemat), que os revendeu aos colonos.

Em 1973, João Meirelles imaginou Juruena. Comprou 20.000 hectares numa área vazia, que dependia do município de Aripuana, no norte da Serra dos Parecis, na confluência dos rios Arinos e Juruena, na altura do paralelo 10. As obras começaram em 1975, com uns cem operários. Durante quatro anos, a infra-estrutura foi construída, abriu-se a clareira que serviria de aeroporto provisório. Os lotes foram repartidos: os pequenos proprietários, em torno da cidade; as propriedades de médio porte, um pouco mais distantes. E, por fim, alguns lotes grandes, como o do grupo francês Carrefour. A partir de 1978, as estradas foram rasgadas e foi possível receber o maquinário

grande.

O primeiro comprador chegou no fim de 1979. Hoje, Juruena tem mais de 15 anos. Tem um jeito bonitinho: a gente fica encantado com as escolas, os hospitais, as clínicas, os hotéis, a geometria das ruas e sua animação, as casinhas encantadoras cercadas de jardins, as lojas, a farmácia, o supermercado. João Meirelles tem motivos para ficar contente com a sua cidade, que adquiriu autonomia, tornou-se município, hoje é administrada por uma prefeitura eleita.

"É uma tradição familiar", conta João Meirelles. "Em 1710, minha família fundou três cidadezinhas em Minas Gerais. Em 1860, chegou a São Paulo, criou três vilas na região de Ribeirão Preto. No nosso século, um outro ramo da família começou a ocupação do norte do Paraná e criou Jacarezinho. Como o senhor está vendo, já começamos a ter um certo controle da profissão de 'fabricantes de cidades', como o senhor nos chama."

O que será que impulsiona o João Meirelles? Lucro? Vontade de potência? "Se eu não passasse de um capitalista, já teria pendurado as chuteiras."

"Então, o quê?"

"Ganhar dinheiro? É um projeto medíocre. O que eu quero é fazer coisas concretas: dar uma forma real a alguns projetos ideais."

Juruena, Cotriguaçu também, já foram criticadas. Mas toda iniciativa que é, ao mesmo tempo, generosa e ambiciosa, corre esse risco. Em 1986, os colonos foram se queixar ao ministro da Agricultura, Dante de Oliveira: a assistência técnica era pouca e as infra-estruturas muito fracas! Os primeiros colonos tinham sido obrigados a vender madeiras preciosas às serrarias para que estas abrissem estradas até os seus lotes. A Codemat responde que o governo não abriu todas as estradas que tinha prometido e coube à sociedade abrir 80 quilômetros.

O início de Juruena foi feliz: a metade dos lotes foi vendida muito rapidamente. Depois, a venda deu uma parada em 1985 e só recomeçou, muito lentamente, a partir de 1990. Hoje, a situação está estabilizada, mas são raras as chegadas de novos colonos. Será que se pode falar de sucesso? Indústrias florestais, criações, plantações se desenvolveram, bem ou mal, depende muito. Luzes e sombras.

Por falta de capital, alguns colonos tentam a criação. Outros tornam-se artesãos, carpinteiros, abrem uma loja. Um deles comprou um caminhão e transporta madeira para as serrarias. Um outro tem uma barca e fornece óleo diesel aos garimpeiros. Mulheres foram ser professoras primárias ou empregadas domésticas. Paradoxo: os assalariados estão aumentando nesta cidade, criada a partir do mito do "trabalho livre", da propriedade.

A agricultura, nestes terrenos arenosos e argilosos, pobres em fósforo, é muito difícil; ainda mais que esses migrantes vêm do sul, onde estavam habituados a outras tradições. Tentam a soja e fracassam, o feijão e fracassam de novo. O arroz pluvial, sim, dá resultados. A comercialização é um quebra-cabeças: não dá para escoar a produção pelo rio, apesar de o Juruena ser muito largo, por causa de suas cachoeiras. É uma ilusão imaginar que os rios da Amazônia formam um sistema de estradas naturais. À exceção do próprio Rio Amazonas, de uma parte do Negro, de 50 quilômetros do Tapajós e do Purus - mas este só para barcos pequenos -, os rios são inadequados para a navegação.

As estradas são ruins e intermináveis - há 920 quilômetros até Cuiabá - o que onera demais o custo do frete. Os produtos de Juruena sofrem uma concorrência violenta dos do sul. Quando dá, eles passam para as culturas perenes, café, pimenta-do-reino... mas é preciso dois anos para a pimenta, quatro para o café. Eis o perfil contrastante da experiência de Juruena. Sucesso ou fracasso? É difícil dizer. Para mim, que não consigo me decidir entre uma coisa e outra, prefiro apreciá-la usando como trena as intenções de seus criadores.



As estradas que cortam a região estão em péssimas condições envolvendo até mesmo riscos na travessia de precárias pontes de madeira.

Juruena, como toda cidade nova, é uma cidade "utópica". Existem dois tipos de cidade neste mundo. Ao primeiro, chamaremos de "cidades históricas", que se formam sozinhas, sem programa nem previsão, como nascem as flores. Um fazendeiro se instala. Isso atrai um segundo fazendeiro. Daí a cem ou mil anos, outras famílias se instalaram, em geral grupos de nômades que foram se tornando sedentários.

Aí, a cidade se estende: comerciantes, artesão montam

suas lojinhas. A cidade cresce às cegas, como uma planta ou uma árvore, vai lançando seus galhos devido a motivos imprevisíveis, impenetráveis. As ruas são tortinhas, as casas não se parecem umas com as outras. Há ricos, pobres, revoltados, burgueses, príncipes, mendigos... A cidade histórica, em suma, é um produto da desordem, da injustiça e da incoerência de seu tempo. Não progride de acordo com os planos dos geômetras. Obedece a uma força obscura, vital, não a um impulso racional.

São outros os princípios que guiam as "cidades utópicas": são voluntárias, perfeitas, instantâneas. Um belo dia, um homem, um conquistador, um general ou uma empresa, decide friamente implantar, de uma hora para a outra, uma cidade bem planejada, cortada a fio de prumo, salubre, transparente, racional, ordenada, produtiva e povoada de homens livres e iguais. Essa é a "cidade utópica". É à perfeição que ela visa. Dostoiévski chama-a de "a cidade de cristal".

No começo da história ocidental, um arquiteto grego genial, Hipódamo, recebeu do rei persa Dario, depois que este arrasou a cidade de Mileto, na Ásia Menor, o encargo fascinante de fazer surgir do chão uma cidade nova, inteirinha. Foi a primeira cidade utópica. Naquele dia, surgiu o modelo da cidade voluntária e racional, com um plano quadrangular (em que todas as ruas cruzam-se em ângulo reto). O esquema de Mileto vai proliferar: na França, com Sables d'Olonne, desenhada por decreto de Napoleão; e em muitas cidades coloniais construídas pelos romanos no norte da África ou na Gália, pelos espanhóis na América do Sul, pelos ingleses nos Estados Unidos. Belo Horizonte, no Brasil, é um exemplo de plano quadrangular - pelo menos na origem.

Juruena, com seu plano quadrangular, sua ausência de caprichos, fantasia, grotesco, barroquismo ou bobagens, liga-se a essa veia utópica. E como não admirar a desconcertante ressurreição, nas solitárias alturas da Amazônia, da cidade perfeita que, nos tempos de Platão, o grego Hipódamo sonhou em construir na Ásia Menor?

Será que o Dr. João Meirelles também se considera um utopista? Não sei. Mas notei, na parede de seu escritório, em Juruena, uma frase que poderia ter sido dita por um desses filósofos utópicos, o grego Platão, os ingleses Owen ou Thomas More, o francês Etienne Cabet: "A ocupação racional da Amazônia é a contribuição brasileira para o futuro da humanidade."

Nessa frase, é o adjetivo "racional" que atesta a inspiração utópica de João Meirelles. A idéia dos utopistas é sempre a mesma: corrigir os planos bonitos mas sangrentos, inspirados mas sujos e fracassados, confusos, ilógicos e bárbaros da Criação, inventando sociedades racionais.

Os utopistas combatem as anomalias, os micróbios, as sujeiras, as irregularidades, as dores, as injustiças. Pretendem, auxiliados pela lógica, planejar uma cidade sem acidentes, sem injustiça nem acaso, na qual todos os homens tenham oportunidades iguais. Às vezes, essa preocupação com a justiça atinge graus absurdos. Na Utopia descrita por Thomas More no século 16, a igualdade é levada até a demência: todas as casas são idênticas e, a cada semestre, os administradores da cidade ordenam que todos se mudem. Cada família vai se instalar na casa do vizinho e cede a sua a um outro grupo. Para que todo esse fuzuê imbecil, se as casas são todas iguais, vocês não de me perguntar. Justamente para deixar claro que os cidadãos de "Utopia" são iguais a ponto de serem intercambiáveis.

Sem chegar a esse extremo de ridículo, todas as cidades utópicas preocupam-se em assegurar, se não a impensável igualdade, pelo menos uma equivalência de oportunidades. Será que esse desejo é atendido nas cidades pioneiras? Em Machadinho do Oeste, em Rondônia, a igualdade inicial não passa de uma lembrança. E em Juruena e Cotriguaçu, planejadas de forma tão científica e inteligente?

É forçoso reconhecer que o sonho de uma sociedade inédita - que obedeça a diretrizes diferentes daquelas de uma cidade histórica -, o sonho de uma cidade utópica capaz de assegurar a todo mundo a propriedade livre, a liberdade e oportunidades idênticas não resistiu à teimosia da realidade. Em 15 anos, Juruena, cidade utópica, transformou-se em cidade histórica.

Juruena diferenciou-se, estratificou-se em função dos capitais que cada um tinha ao começar, e de sua coragem, talento ou sorte. Rapidamente, a economia organizou-se em torno de uma empresa dominante, a Madeireira Ruhden, eixo da aglomeração. Os colonos privados de capital começaram a trabalhar para essa serraria. Mudança fundamental: o assalariado substituiu o proprietário.

A serraria converteu-se no motor

A serraria converteu-se no motor local (em 1991, a madeira respondia por 60% dos recursos da região, contra 20% da agricultura e 20% da pecuária). Ela fornece alojamento a seus empregados, criando dependência; aceita que eles sacrifiquem as férias para ganhar um dinheirinho extra (por exemplo, quando precisam pagar a operação da mulher); e os patrões cultivam um estilo amavelmente paternalista: são padrinhos de batizado e casamento...



Em Juruena, a exploração da madeira se converteu em principal atividade econômica e emprega os colonos que foram para a cidade em busca do sonho de se tornarem pequenos proprietários.

O que se formou, portanto, não foi a "cidade de cristal" e, sim, uma cidadezinha comum, às vezes até feliz, mas regida pelas relações habituais de trabalho, capital, salário. Muitos colonos vieram ao Mato Grosso atraídos pelo sonho da liberdade e da igualdade relativa, mas acabaram dependentes e inferiores.

Um exemplo: existe um clube, em Juruena. Gramado irreal de tão verdinho que é, piscina, cadeiras à beira d'água, limpeza desesperante, sócios distintos, bem vestidos, gordos e amáveis, mocinhas deliciosas, rapazes atléticos, até mesmo as nuvens que cruzam o céu, por cima do clube, parecem mais branquinhas e mais cheinhas. Não há nada de reprovável, nisso. Só que, em meio a uma população que leva vida tão precária, esse "pedacinho de paraíso" tem algo de incompreensível. Do sonho utópico, sobrou apenas esse clube elegante, limpíssimo, tão luminoso que nem parece "estar no mundo". Pelo menos não no mundo de Juruena.

Na tese que defendeu na Universidade de Toulouse, intitulada "As Novas Lógicas Migratórias dos Camponeses do Sudoeste do Paraná", Anne Le Borgne-David escreve, a respeito de Juruena: "O esquema reproduz, de forma mais ou menos integral, a estrutura agrária que existe no resto do país." E, mais adiante: "O mito da 'terra livre' se extinguiu. Lá, não se inventou uma sociedade nova." E ainda: "O desejo de uma sociedade igualitária era utópico."

Nosso objetivo não é criticar Juruena. Pelo contrário. Gostei de ver as crianças felizes, as lojas bem abastecidas, agricultores e pecuaristas abastados. ("O boi é uma poupança", dizem eles. "Cresce em tamanho e em preço. O agricultor sofre. O pecuarista aumenta seu patrimônio.")

O simples fato de essa cidade ter conseguido florescer, em tão pouco tempo, no coração da floresta, já é uma proeza que faz bem ver. Mas o projeto de criar ali um modelo inédito de relações sociais, baseado na racionalidade, na propriedade, na liberdade, esse se espatifou contra o granito da realidade.

Juruena, Cotriguaçu - Machadinho também - são cidades novas. Mas, para dentro delas, esgueirou-se a sociedade velha, com sua falta de lógica, suas injustiças, seus padrões e empregados, sua rigidez, suas maravilhas, sua hierarquia. Dentro de um cadinho novo, o que está fervendo é a velha poção. Expulsem a história e ela volta a toda velocidade! Juruena confirma uma velha lei: a utopia não pertence a este mundo. Será que, por causa disso, devemos condenar Juruena? Claro que não. Afinal de contas, a "cidade histórica" que Rômulo fundou, em Roma, deu melhores resultados do que a "cidade utópica" que Hipódamo construiu em Mileto, na Ásia Menor.

Capítulo 11 ▶



Um pouco ao norte de Juruena, 50 quilômetros se tanto, está Cotriguaçu, sua caçulinha: maior, com 400 mil hectares, mas os pais são os mesmos - a Codemat e João Carlos de Souza Meirelles.

Passei um dia em Cotriguaçu. Ao meio-dia, churrasco com os figurões locais. Você sabia que o churrasco - em inglês chamado "barbecue" - é uma invenção indígena? Em "Expedição Orenoco-Amazonas", Alain Gheerbandt, um dos primeiros etnólogos a entrar em contato com a tribo dos ianomâmis, na década de 50, conta que os índios instalavam no rio barragens de vime trançado e, na água que elas represavam, jogavam ervas maceradas, que tinham efeito narcótico. Os peixes, adormecidos, amontoavam-se dentro dessas barragens e eram recolhidos, enchendo grandes cestos. A planta empregada era o barbasco e é essa palavra que está na origem de "barbecue". Em longos espetos de madeira verde, estendidos sobre um braseiro, os índios grelhavam seus peixes, seus pecaris e tapires. Os índios do Haiti também conheciam esse processo, a que chamavam de "barbacoa", e o passaram aos espanhóis. Os piratas antilhanos de Tortuga davam-lhe o nome de "boucan" - e é daí que vem a designação "boucanier" (bucaneiro).

Mas, voltemos a Cotriguaçu. Um churrasco, portanto, em companhia de homens fortes, simpáticos, opulentos. Falava-se um pouco de tudo. Os lenhadores diziam estar sendo perseguidos. Acusam-nos de todos os males que se abatem sobre a floresta, mas se esquecem que os pecuaristas são bem piores, pois queimam tudo. E o governo não tem política definida. Avança às cegas. Por acerto e erro. Muda de idéia, de opinião e de decreto como quem muda de camisa. Antes, a reserva florestal obrigatória referia-se a 50% de cada terreno. Hoje, já são 80%. E amanhã, 90%?

Estavam brigando uns com os outros até o momento em que os ecologistas ingleses fizeram todo mundo concordar. E o que foi que os ecologistas ingleses fizeram? Pois não é que esses imbecis colaram, em todas as ruas de Manchester, adesivos dizendo: "Defenda a floresta amazônica! Queime um brasileiro!" Aí, todos eles ficaram indignados. Um deles gritou: "Ah, esses ingleses! O

melhor que tinham a fazer era calar a boca! São os maiores compradores clandestinos de mogno do mundo. São piores do que os franceses!" E nós todos aprovamos vigorosamente.

Depois, um dos convidados mudou o rumo daquela prosa. Começou a desfiar as suas lembranças e o grupo inteiro se acendeu, como se fosse uma fogueira de São João, feita de lenha seca: todo mundo crepitava. Cada um tinha a sua história para contar: "Você se lembra dos primeiros meses? E aquela vez que a gente comeu macaco, barrigudo, sem saber, e a raiva que a gente ficou quando percebeu... quando é que foi isso mesmo? ...em 90 ou em 91?"



Conversa entre amigos: lembranças dos primeiros tempos de colonização, orgulho, identidade do grupo.

A máquina das lembranças foi ligada, lá vai ela desabalada, feito doida, roncando como um motor de Fórmula-1. Cada um remexia na memória. Não era uma atitude complacente para consigo mesmo, não, era uma tentativa desajeitada de tecer a lenda, a história de Cotriguaçu. De salvar do esquecimento os dias que já iam longe. Como se, para construir uma cidade, a lembrança fosse um material tão necessário quanto o cimento, os pregos, a eletricidade.

Escutei os "narradores" de Cotriguaçu e, à cidade de verdade e concreta, eles acrescentavam uma outra, mental, toda em filigranas. Ao escutar esses memorialistas florestais, esses Marcel Proust amazônicos, eu ficava me lembrando dos belos versos do poeta francês Patrice de La Tour du Pin:

"Tous les pays qui n'ont pas de légende
Sont condamnés à mourir de froid."
(Os países que não têm lenda/ estão condenados a morrer de frio.)

As lendas são assim. E quem não tem lendas, morre de frio, até mesmo no Equador. Será que os meus prósperos empreendedores sabiam disso? Será que eles percebiam que estavam inventando as futuras lendas de Cotriguaçu? Entre uma cervejinha e outra, uma asa de frango e uma fatia de picanha, preenchem uma função essencial para qualquer agrupamento humano, tanto os caçadores neolíticos quanto o "jet set" de Mônaco: eles eram os "guardiões das lembranças". Na entrada da Atenas de Péricles havia sido

erigida uma estela com a inscrição: "Passante, vai dizer aos homens do futuro que aqui existiu a mais feliz das cidades."

Assim procediam os meus amigos de Cotriguaçu. Realizavam o mesmo trabalho dos escritores, poetas, cronistas, trovadores, historiadores ou narradores que, outrora, acompanhavam os reis à guerra, para que a pegada do heroísmo, do sofrimento, das promessas nunca se apagasse.

"Nos primeiros meses, eu peguei um dilúvio e tanto aqui. Tinha um cara aí. O trator dele 'tava atolado na lama. Ele 'tava chorando. A lama tinha entrado na cabine, entupido o motor, o trator ficou lá oito meses, foi preciso mandar chamar dois outros tratores e um guindaste pra arrancar ele da terra seca..."

"É, eu vim pra cá com quatro amigos, a gente era solteiro, cara, não tinha nem uma mulher por perto, nem casa a gente tinha, nós dormíamos era em cima de uma lona. Aí, um dia, nós caçamos um veadozinho, matamos o bicho e fizemos uma festa. Tomamos doze litros de pinga."

"Não diga! Doze litros? Só os quatro?"

"Doze litros! E aí, a gente 'tava bêbado que nem uns gambás e fomos lá no poço, e um de nós falou assim que se eu tivesse coragem de jogar as minhas meias dentro do poço, ele me dava uma grana. E aí, ele jogou as meias e a gente começou foi a jogar tudo, as mesas, as cadeiras, até o poço ficar cheio. Também pudera, com doze litros de pinga na cabeça!"

"Pois eu trabalhava com topografia e vocês sabem que, para ser um bom topógrafo, a gente tem de tomar uma cachacinha de vez em quando. Aí, uma vez, eu 'tava com a minha equipe, a gente tinha um jipe... 'cê precisava ver, sem embreagem, sem freio... Eu tinha confiscado a cachaça, mas já era tarde demais, 'tava todo mundo no maior porre e, aí, de repente, o jipe parou e o motorista saiu gritando: 'Olha uma anaconda, ali na estrada!' Que anaconda nem mané anaconda! Era um tronco de palmeira, sô!..."

Vocês vão me dizer que essas histórias são pobres, convencionais, repetitivas, insignificantes. Que é que se pode fazer com isso? A "Divina Comédia"? A "Epopéia de Gilgamesh"? O "Landnamabok" dos primeiros colonos da Islândia? A "Eneida"? O "Dom Quixote"? Não é com essa teia de banalidades que se vai dar uma memória, uma alma,

uma identidade à alma de Cotriguaçu.

Não tenho tanta certeza assim. É das histórias comuns que nascem os mitos e as lendas. Vejam o caso da "Odisséia". O retorno de Ulisses a Ítaca. Os dez anos que ele passou indo de porto em porto, depois da Guerra de Tróia, indo ao encontro do canto das sereias, das artimanhas da feiticeira Circe, naufragando na ilha de Calipso? No fundo, o que é tudo isso? Não passa de casos pançudos que os marinheiros gregos, com a cara cheia de vinho, contavam um para o outro, à noite, nas tavernas do mar Egeu, depois de terem passado o dia inteiro pescando. Aí, um marujo dizia:

"Querem saber de uma coisa? O meu barco estava passando por aquela ilha ali e o que foi que eu vi? Juro por Zeus! Duas mulheres nuas, lindas feito Diana, e elas estavam cantando, aí eu..." Só que, naquela noite, o velho Homero estava ali, num cantinho. Tinha vindo à taverna beber o seu hidromel, ouviu a história das duas mulheres nuas, lá na ilha, e o que fez com ela? Transformou-a na história das sereias, tão fascinantes que foi necessário amarrar Ulisses no mastro do navio, para impedi-lo de ir dar com ele nos rochedos. E foi assim que Homero fez a Odisséia.

É assim, com as histórias de pescadores, seus sofrimentos e suas mentiras, que Homero, o rapsodo cego, fabricou a maior epopéia do Ocidente. Na Amazônia, até agora, já temos os casos, os botequins, os momentos de saudade, as mentirinhas. Só está faltando um Homero.

Mas quem sabe o Homero da Amazônia, neste exato momento, anda escondido pela floresta? Paciência! Há de acabar aparecendo. Certas noites, quando o ruído do rio enfeitiça os castanheiros, as palmeiras, os pés de mogno, parece-me já ouvir seus passos furtivos, desajeitados, de velhinho cego, tateando nas sombras. Um dia, ele virá. Enquanto isso não acontece, a gente vai se exercitando. Colecionando um materialzinho para ele. Consagrando-se à paixão e ao dever de toda sociedade: garantir sua sobrevivência formando uma barragem contra o esquecimento.

Nesse culto da identidade e da memória, as genealogias desempenham papel decisivo. A gente troca notícias das pessoas que conheceu. Lamenta o tempo límpido em que tudo começou (depois que o começo vira passado, ele é sempre radioso... para todos os povos, as cosmogonias, que falam dos primeiros tempos, estão banhadas em luzes resplandecentes):

"Foi em 1992 que a cidade começou a mudar. Com a chegada dos primeiros pretos. Antes, sabe, tinha só a gente..."

Antes, mais precisamente, havia só descendentes de italianos e alemães. Será que foi um efeito da migração do Rio Grande do Sul, do Paraná ou de Santa Catarina para este canto perdido da floresta? Será que foi a perda dos céus, dos odores da infância? Só sei que os homens de Cotriguaçu - mas poderíamos dizer a mesma coisa de Juruena, de Machadinho - voltam sempre, com uma ternura teimosa, às raízes de suas famílias, no sul e, mais longe ainda, numa Europa imaginária.

"De onde vinham os meus avós? Da Alemanha... do norte da Alemanha, eu acho... Sabe, um dia desses eu vou a Hamburgo... vou procurar..."

É claro que, antes de mais nada, eles são moradores de Cotriguaçu e são brasileiros, apaixonadamente. Mas, ao mesmo tempo, cultivam, com orgulho ou com uma ironia brincalhona, a lembrança de suas raízes.

"Os meus avós eram italianos. Do norte ou do sul da Itália? Sei lá... Sabe, eram três irmãos e lá eles morriam de fome. Aí, decidiram se exilar. Só que não eram lá muito organizados. Eram italianos, sabe como é? Ninguém é perfeito, né mesmo? Pegaram três navios diferentes: o primeiro chegou em Porto Alegre, o segundo no Rio e o terceiro em Vitória. Aí, a família se separou... e você sabe que as famílias italianas não gostam nem um pouquinho de se separar. Mas espera, isso não é tudo. O pior é que os funcionários do serviço de imigração fizeram erros de ortografia e, hoje, embora os três ramos da família tenham conseguido se reencontrar, eles têm três nomes diferentes. Ah, esses italianos!"

O ponto de honra dos descendentes de alemães é conservar aquela imagem de seriedade, de rigor, de precisão ligada a seu povo. Um deles decide contar a sua chegada e os primeiros anos que passou em Cotriguaçu, e é uma cachoeira, uma torrente de números e datas. Parece que ele tem uma máquina de calcular no lugar do cérebro: "Cheguei no dia 23 de junho e no dia 4 de abril seguinte comprei as minhas três primeiras cabeças de gado. Em 19 de julho, eu me casei e gastei US\$ 3.554 para mobiliar a casa. No dia 23 de junho do ano seguinte, que era o primeiro aniversário da minha chegada, tive a minha primeira filha... é que nós, alemães, somos muito organizados, sabia? E aí, no 23 de junho seguinte, em

1992, tive a minha segunda filha. Quando eu te digo que nós somos organizados!"

Desta vez, não é mais nas páginas de Homero que nós estamos e, sim, empoleirados, como papagaios, nos galhos de uma árvore genealógica. E, aliás, o que é o primeiro capítulo da "Bíblia", se não uma árvore genealógica? "Quando Enoch estava com 70 anos, gerou Qenan. Depois do nascimento de Qenan, Enoch viveu outros 840 anos e gerou muitos filhos e filhas, e depois morreu. Quando Qenan estava com 70 anos, gerou Mahalahil. Depois do nascimento de Mahalahil, Qenan viveu outros 840 anos e gerou muitos filhos e filhas..."

E a voz longínqua do redator do "Gênesis" vinha murmurar no meu ouvido, enquanto o lenhador de Cotriguaçu continuava a sua ladainha de números, datas e membros da família: "E, agora, a minha filha vai se casar, no próximo dia 22 de março, com um rapaz de Juruena e vai ter filhos. Não sei dizer exatamente quando eles vão nascer, mas eles também terão filhos, e esses filhos, por sua vez..."

Uma tardinha, fui ver o cemitério de Juruena, a alguns quilômetros da cidade. Um espaço fechado, à beira da estrada, com lajes modestas e uma cruz com um nome e uma data: "Claudiomoro B. Da Silva - 10/10/1980"... "Antonio Muruela - 13/6/1993"...

Às vezes, um túmulo mais enfeitado, com azulejos azuis ou brancos, como se fosse uma cozinha ou um banheiro, imagens dos santos, um anjo de mármore enegrecido pela chuva: são os túmulos dos ricos. Alguns deles têm direito a um ramo de flores antigas.

Há os túmulos inacabados também. Estes nunca serão terminados. Não são túmulos, são abandonos. A gente não fala de criança abandonada? Por que não falar, então, no caso do pequeno cemitério de Cotriguaçu, de "mortos abandonados"?

São apenas montículos de terra, tumbas no solo pobre, vermelho, amarelo, da Amazônia, sem uma só flor, sem grama, sem nome, sem data - uma cicatriz semi-apagada na terra. O "grau zero" da memória: sabe-se de uma existência - terá sido um homem ou uma mulher? - e que seus despojos foram atirados aqui, num dia de um ano qualquer, um dia perdido no século 20.

Alguns desses túmulos abandonados possuem um enfeite: uma

coroa de espinhos feita às pressas com arame farpado. É só isso, nada mais, o Gólgota, uma rodela de arame, o calvário, talvez a mais justa homenagem que se poderia ter feito a esses desconhecidos, a esses homens que, quando vivos, mal tinham um nome e, ao morrer, perderam o pouco que tinham. Agora, lá estão eles, descansando no triste cemitério dos camponeses desconhecidos de Juruena, da mesma forma que, sob o Arco do Triunfo, em Paris, jazem os despojos do "Soldado Desconhecido".

Ao voltar para Juruena, eu ia pensando no poema sublime que Oscar V. de L. Milosz, o grande poeta lituano de língua francesa, escreveu sobre o cemitério de Lofoten, ilha pobre, mergulhada nas brumas e geleiras do norte, que fica nas antípodas de Juruena e, no entanto, é tão parecida com ela:

"Tous les morts sont ivres de pluie vieille et sale
Au cimetièrre étrange de Lofoten.
L'horloge du dégel ticquetacque lointaine
Au coeur des cercueils pauvres de Lofoten."

(Todos os mortos embebedaram-se de chuva velha e suja/ No estranho cemitério de Lofoten./ O relógio do degelo faz soar seu longínquo tic-tac/ No coração dos caixões pobres de Lofoten.)

Eu tinha demorado muito no cemitério. A noite chegara. A noite tremulava, com todas as suas estrelas, do norte e do sul juntas, como se os dois Pólos se tivessem misturado.

Eu olhava bem fixo para esses pontos incandescentes, pensando que não era a noite que estava vendo e, sim, o passado da noite. O que eu estava vendo era a lembrança desses cristais que palpitavam nas árvores. Avistamos as estrelas tal como elas foram, não como são, pois a luz que delas emana tem de transpor imensas distâncias antes de chegar até nós. Quando olho para a estrela Megrez, vejo-a como era 50 anos atrás. E se é Alkaid que encaro, aí, então, tenho de dar um salto de 150 anos para trás, e a noite já não existe mais, e a noite passa a ser a memória da noite.

Capítulo final ▶



Capítulo

final

Agora, estou no rio, para dois dias de pescaria junto com o administrador da Codemat e um morador de Juruena. Saímos no meio da tarde, sob um lindo sol de incêndio. Mais tarde, um pouquinho antes do cair da noite, brumas brilhantes envolveram-nos. A água do rio apagou-se. O barco já não flutuava mais na água. Flutuava no nada. Navegávamos num nada liso, branco, cintilante.



O rio em Juruena é uma paisagem monótona, vazia, tranqüilizante.

Disse que estava no Rio Juruena mas, que sei eu? Estávamos era tateando, como abelhas bêbadas, num labirinto de ilhotas muito parecidas umas com as outras, cujo topo, coroado de florestas-fantasma, perfurava a camada cremosa da bruma. O piloto fixava pontos invisíveis e, às vezes, dizia ter-se enganado de canal pois, no Equador, a luz baixa muito depressa, e ele tinha confundido uma ilha com outra, ou o sul com o norte. E olha que ele pescava no Juruena havia dez anos, duas vezes por semana. Ele conhecia todos esses percursos de cor, sim, mas nunca teria a coragem de fazê-los no escuro.

Em alguns momentos, o próprio rio parecia já não saber mais onde estava. Confundia as suas ilhas e braços, a cabeceira e o rio abaixo, enganava-se em seus meandros. É por isso que, na Amazônia, há tantos meandros órfãos, que vegetam durante algumas dezenas de anos, alguns séculos, depois desaparecem.

Outro dia, em outro rio - o Machado, em Rondônia -, mas de dia, tive a mesma sensação de encantamento e de angústia: a da perda total do senso de direção. Era o fim da rosa dos ventos. Já não havia mais leste nem oeste, nem norte, nem sul. O rio já não tinha mais começo nem fim. A fricção do casco de nosso barco na água desenhava, em sua superfície, geometrias extravagantes, espirais pelo direito e o avesso ao mesmo tempo, como se fossem anéis de Moebius, redes de curvas, linhas, arabescos de círculos entrelaçados que pareciam pertencer a essa geometria não-euclidiana formulada, no século passado, por Guass e Lobatchevski, na qual as paralelas afastam-se

para sempre uma da outra ou, então, encontram-se, desprezando solenemente todas as regras que as paralelas bem educadas respeitam.

Assim é a Amazônia, a minha Amazônia: os decretos que regem as terras da Europa desde Tales e Aristóteles são esquecidos nestes confins. Este é um lugar onde pretender que dois mais dois são quatro torna-se aleatório e quase inconveniente. Os reinos, aqui, estão misturados: onde começa e onde acaba o mineral? Descobre-se, aqui, que o muro de isolamento entre o vegetal e o animal, entre o animal e o humano é transparente ou, quando muito, poroso.

Nos bosques das margens do Juruena, avistei uma folha rasgada, quis apanhá-la, ela saiu voando. Era um inseto. Mas eu sabia que aquilo não passava de um engodo. Assim que eu virasse as costas, ele se transformaria em folha de novo. E eu nunca ficaria sabendo - será que ele próprio jamais ficaria sabendo - se ele era folha ou inseto.

Com o cheio e o vazio, com a morte e a vida, o sagrado e o profano, o efêmero e o eterno, a Amazônia vai remendando as tramas dilaceradas, costurando uns nos outros os farrapinhos ensangüentados. Entramos num mundo em que o céu e a terra, a água e o chão, o ar e o rio deixam de ser opostos. É um universo sem limites nem exclusão.

Os animais adaptam-se a esse mundo no qual fecundam-se coisas que, sob céus mais lógicos, não se acomodam umas às outras. Há um peixe amazônico de que gosto muito: é o tambaqui que, de tanto morar nas árvores afogadas dos mangues e alimentar-se de frutas sub-aquáticas, já deve achar que é um pássaro.

Estou na floresta. Ao mesmo tempo que se entrega, ela me foge. Não precisa se por a andar, como a que apavorou Macbeth, para nos largar e ir embora. Dissimula-se por trás de si mesma. Seu gigantismo é sua proteção. Aí está o segredo de sua solidão. A floresta enrodilha-se dentro de sua imensidão e nela se esconde, interminável, impenetrável, infinita, demasiado suntuosa, vasta demais



O rio que corta a floresta amazônica, um dos raros encontros com o mito da região: a floresta exuberante, cœmida.

para que o olhar do homem a abarque. É como se fosse uma língua estrangeira com tantas palavras, tantas sintaxes, tantas gramática espalhadas por toda parte, que ninguém jamais conseguirá aprendê-la toda. Ela é, em si mesma, a sua revelação e a sua máscara.

Por isso, quem quer captar alguns de seus reflexos, surpreender alguns de seus ecos, tem de recorrer à astúcia, tomando dois caminhos opostos, o do infinitamente grande e o do infinitamente pequeno: ora o telescópio, ora o microscópio.

Primeiro o telescópio: pode-se abarcar a vastidão da floresta sobrevoando-a de avião. Quando deslizamos por cima dessa pradaria sem fim, composta de bilhões de árvores impossíveis de discernir, cortada caprichosamente por rios resplandecentes, tem-se uma idéia do que é a Amazônia. Mas é uma idéia limitada. Observar as estrelas, de noite, ensina-nos alguma coisa sobre o movimento do cosmos, sobre o mecanismo de relojoaria do céu. Mas nada ficamos sabendo sobre a areia, o basalto, o calcário do solo de Arcturus, de Vega, de Vênus.

Nas casas elegantes japonesas, existe um cantinho da sala principal a que se dá o nome de "tokonomá": é um nicho no qual se expõem, por trás de um véu (como o do tabernáculo), os objetos artísticos ou os vasos de flores mais preciosos da família. São apresentados, mas ninguém os vê. Faz-se aos visitantes o mais estranho dos presentes: o da ausência. E é o dom supremo. A obra-prima lá está, imóvel, invulnerável, irrevelada.

Por serem pura ausência, tais objetos carregam-se de uma presença absoluta. Por nada serem, se transformam em tudo e enfeitiçam quem não os vê. Essa tradição nipônica é o oposto dos museus ocidentais, que se baseiam na regra de que os quadros têm de ser expostos, exatamente como o ricaço que faz seus escudos de ouro tilintarem em cima do balcão de sua loja. Duas filosofias. Duas idéias do real. O Japão nos ensina que o real é o invisível - e que a ausência é presença.

A minha Amazônia é uma espécie de tokonomá. Vela seus tesouros. É uma ilusionista que faz seus fogos de artifício explodirem debaixo de nosso nariz, mas eles já se apagaram. Se nos faz entrever maravilhas é para logo escamoteá-las de nossos olhos.

Ela nos inicia, pelo contrário, no invisível: andar nas sombras é receber bilhões de mensagens misteriosas. É

como o Imperador que, na Cidade Proibida de Pequim, transmitia ordens a seus ministros fazendo estremecer levemente a cortina atrás da qual se escondia.

Há quem diga: "É melhor a savana arborizada do que a floresta tropical úmida. É melhor o Pantanal do que a Amazônia." E é verdade que o Pantanal é uma festa, uma arca de Noé, uma árvore de Natal. É mais rico em animais de grande porte do que toda a Amazônia junta e oferece generosamente, a quem o visita, braçadas de flores, de bichos, de céu, de espaço, com uma generosidade que não tem mais fim. O Pantanal mostra seus tesouros. A Amazônia esconde os dela.

Na grande floresta, é raro avistar uma onça (elas já não são muito numerosas). Aqui e ali, dá para ver um tapir, estúpido e feio, uma irara como uma flecha preta e branca, uma cotia ruminando, pegadas de tatu, um jabuti, um tamanduá, um pecari, uma das dez mil espécies de macacos da Amazônia - um dourado, um guariba, um bando de barrigudos, sagüis, macacos de cheiro -, araras sublimes, mutuns que lá se vão muito dignos, mais parecendo bispos, jacarés, beija-flores tão pequeninos que parecem que vão estourar de tão rápido que batem as asas, de vez em quando uma cobra. Em um mês trançando pela Amazônia, não vi uma só capivara.

E, no entanto, essa indiscernível população da floresta não pára de mandar chamados, mensagens, avisos, piscadelas cúmplices, ameaças, pressentimentos. Perambulando pela floresta você entra em um universo de sinais. Cada habitante dessas árvores, desses pântanos, nos interpela sem desvendar-se. Há ruídos, suspiros, estalidos, corpos que deslizam e fogem. Há "coisas escondidas desde o início dos tempos", cuja ausência a floresta designa.

Cada animal nos desafia para um joguinho maldoso: "Eu estou aqui, sim, só que você não vai me encontrar. Ah, ah!, bem feito para você!", como as crianças brincando de esconde-esconde. Às margens do rio, fui envolvido por uma nuvem de borboletas amarelas, de cor suave, desbotada, e elas me informavam que uma capivara tinha depositado por ali o seu estrume, com que elas se deliciam. Quanto à capivara, só tive o prazer de saber que ela já tinha desaparecido deixando ali o seu estrume.

É por isso que há - eu acho - uma outra maneira de perseguir a Amazônia, adivinhá-la, tocá-la de leve: é vê-la no que tem de ínfimo. Não seria o caso de isolar,

dessa imensidão, uma película finíssima - o pulo já acabado de um peixe no ar, um micróbio, uma graminha, uma aranha, uma pulga, uma formiga, uma minhoca, um pedacinho de madeira apodrecido - e nessas coisas, nesses bichinhos, tentar capturar toda a Amazônia, da mesma forma que, numa gota d'água, tenta-se adivinhar a geografia da imensidão? Eis o que eu ia me dizendo naquele barco. Mas já estava ficando tarde e a noite já ia caindo. De dentro da bruma, tínhamos conseguido arrancar uns dez peixões muito bonitos. Já era hora de ir dormir.

Na manhã seguinte, depois de uma noite que passamos numa casinha à beira d'água, onde se realizava também um importante congresso de mosquitos, retomamos a pescaria. As árvores tinham mandado a noite embora. Os ruídos da alvorada se desfraldavam como as asas que os insetos abrem lentamente. O rio, com suas ilhotas de folhagens e nácar, tornara-se de novo legível.

Íamos navegando ao longo daqueles imensos galhos mergulhados na água e era como se estivéssemos entrando por um livro infantil adentro, como se penetrássemos num desses contos de fadas que sempre se passam em florestas mágicas, no fundo das quais há castelos arruinados, gatos de botas, damas demoníacas ou maravilhosas, subterrâneos cheios de ouro e pedrarias. Mas na floresta, mesmo, a gente não entra nunca, e é por isso que ela é tão bela.

Chegou a hora em que já não tínhamos mais minhocas para pôr no anzol (quer dizer, no dos meus companheiros, porque eu, para pescar, você sabe como é...) Dirigimo-nos para um outro entrelaçamento de ilhotas e chegamos a mais uma dessas cabanas que, de quando em quando, a gente percebe às margens dos rios amazônicos. Descemos ali. Silêncio. Os sussurros da floresta, iguais em tudo ao silêncio.

A princípio, não havia ninguém. Um cachorro amarelo latiu preguiçosamente, mas com um jeito pretensioso, fingindo que estava tomando conta da casa. Aí, um homem apareceu. Jovem, simpático, sorridente, caladão. Nas margens do Amazonas, a gente sempre encontra pessoas assim. Às vezes há uma mulher com eles, e as crianças. Este, naquele dia, estava sozinho. Mas talvez a mulher tivesse ido colher frutos na floresta.

Como saber quem era esse homem? Um sábio ou um louco? Talvez sábio e louco ao mesmo tempo? Seria ele frenético ou tranqüilo? Quem são esses solitários? Eles acampam nas

margens do rio, como numa eternidade, longe do tempo que passa, justamente nesta época em que a Amazônia está para subir no tempo da mesma forma que a gente sobre num trem que está em movimento. Mas o tempo não interessa muito a esses "outlaws", a esses eremitas do bosque. Preferem acampar em sua terra-de-ninguém, em suas permanências, em sua serenidade.

Como será que eles vivem? Vá lá saber! Couros enegrecidos de animal estavam secando num varal. Uns pedaços de carne secavam ao sol. Alguns legumes numa pequena horta, frutos da floresta, ferramentas toscas, machado, enxada, espalhadas em torno da casa. E, dentro dela, redes, um cheirinho de café, um forno de argila, alguns pratos desbeijados, panelas... meu Deus, para que ficar descrevendo essa tralha? Que passe de mágica poderia fazer as palavras serem capazes de descrever essa montoeira de trecos?

Lembrei-me de James Agee, o magnífico jornalista que, em 1932, fez uma pesquisa entre os plantadores de algodão do Alabama, que a crise de 1929 tinha arruinado. Em "Louons maintenent les grands hommes" - publicado em francês na coleção "Terre Humaine", da editora Plon -, Agee descreve, com genial minúcia, as cabanas dos meeiros miseráveis e, parando bruscamente, diz: "Neste ponto, se eu pudesse, não escreveria mais. Poria fotografias no meu livro. Para mostrar os farrapos de pano, os restos de algodão, os grumos de terra, as palavras que me disseram, os pedaços de lenha, os cacos de ferro, o odor que paira no ar, os restos de comida nos pratos, os excrementos. Os editores considerariam isso uma novidade..."

Atravessamos o rio de novo e cavamos a lama para catar as iscas. Ainda havia borboletas, bandos enormes delas. As maiores tinham pares duplos de asas de veludo castanho, com incrustações prateadas; mas eu preferia as menores, umas pretinhas e agitadas, outras com asas mais lentas, salpicadas de geada, neve e ouro. Acontece, às vezes, de uma montanha inteirinha, com seus prados, suas vacas, suas fazendas, tremeluzir no olho de uma libélula.

No dia seguinte, eu disse "au revoir" à Amazônia, essa bela desconhecida.